

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Os efeitos de maternidade para o sujeito mulher

Maria Eduarda Alves da Silva

Ribeirão Preto – SP
2023

MARIA EDUARDA ALVES DA SILVA

Os efeitos de maternidade para o sujeito mulher

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão

Ribeirão Preto - SP
2023

MARIA EDUARDA ALVES DA SILVA

Os efeitos de maternidade para o sujeito mulher

Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucília Sousa Romão
USP – FFCLRP – Ribeirão Preto

Membro Titular: Prof^a. Dra. Dantielli Assumpção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Membro Titular: Prof. Dr. Marco Antônio Almeida Ruiz
Prof. Dr. da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Data do Exame: 24/01/2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

da Silva, Maria Eduarda Alves
Os efeitos de maternidade para o sujeito mulher. Ribeirão
Preto, 2022.
87 p.: il., col.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração:
Psicologia.

Orientador: Prof^ª Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa

1. Mulher 2. Maternidade 3. Análise do discurso

Dedico este trabalho ao meu pai, Paulo Sergio, e seu amor incondicional. Mesmo distante, em um outro plano, se fez tão presente em meu coração. Obrigado por sempre acreditar em mim! E ter me proporcionado momentos e vivências incríveis ao seu lado.

AGRADECIMENTOS

“O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, e só então, que você estará no país das maravilhas.”
(Lewis Carroll)

Agradeço primeiramente a Deus pela força, consolo e amparo nos momentos de dificuldade e vontade em desistir.

À minha mãe Adriana, que passou juntamente comigo uma fase de luto e perda, que me incentivou a continuar a vida e me tornar uma mulher forte! Muito obrigado pelo apoio emocional, companheirismo e toda motivação durante esse processo.

Ao meu noivo Murilo, que sempre acreditou em mim, e me mostrou que desistir nunca será uma opção.

Aos meus amigos e amigas, por garantirem momentos de conversas, distrações e gargalhadas, tornando a vida mais leve e agradável.

Aos meus familiares que me acolheram e seguraram minhas mãos quando mais precisei.

Aos amigos e companheiros do Laboratório Discursivo – Sujeito e Sentidos (E-l@dis) pelas contribuições e aprendizados, parceria na escrita e na vida acadêmica.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelos auxílios e esclarecimentos durante todo processo de construção desta Dissertação.

E mais uma vez, gratidão ao meu pai, que maternava tão bem.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Profa. Dra. Lucília Maria Sousa por ter me dado oportunidade e ter me permitido conhecer o laboratório de pesquisa E-I@dis, ter conhecido pessoas incríveis, participações e parcerias em textos e principalmente pela generosidade em partilhar seus conhecimentos. Agradeço por toda disponibilidade, afetuosidade e delicadeza em fazer apontamentos e comentários preciosos neste trabalho, contribuindo para o desenvolvimento dessa dissertação. Agradeço pelos incentivos e pela confiança nessa parceria. Gratidão pela paciência e por todo aprendizado e por ser essa mulher forte, que me inspira.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.
Guimarães Rosa



“Transbordou Parindo poesia
Vou morrer filha da letra E nascer mãe da palavra
Jogar o meu ego ladeira abaixo Espremer o que de melhor houver de
mim
E dar à luz”

Cristiane Sobral (2011)

RESUMO

Os efeitos de maternidade para o sujeito mulher

Na atualidade, a questão do feminino é bastante discutida, principalmente a questão da maternidade, que permeia um imaginário de mulher na sociedade; porém, muitos são os questionamentos a respeito desses imaginários sociais. Pode-se compreender que os avanços relacionados a esses imaginários existem parcialmente, porém é necessário que as questões desses imaginários sociais façam parte das discussões da coletividade. trabalhar conceitualmente com as noções da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como principais pensadores Michel Pêcheux na França e Eni Orlandi no Brasil, entre muitos outros. Assim, a presente pesquisa objetivou trabalhar os conceitos que mais nos cabem inicialmente é discutir discurso, sujeito, ideologia e memória discursiva produzindo um entrelaçamento entre teoria e análise discursivas. Assim, tendo por base teórica a Análise do Discurso, vamos adentrar com os conceitos e produzir gestos de interpretação olhando para a relação entre a maternidade e o sujeito mulher, suas relações no passado e no presente e as questões atuais que envolvem as discussões nas redes digitais, bem como os efeitos de ser ou não ser mãe na sociedade atual. Nossa proposta se materializa no entendimento e possível desconstrução de um imaginário de/ sobre “ser mãe”.

Palavras-chave: mulher; maternidade; análise do discurso.

ABSTRACT

The effects of motherhood for the woman subject

Currently, the issue of the feminine is widely discussed, especially the issue of motherhood, which permeates an ideal of women in society; however, there are many questions about these social ideals. It can be understood that the advances related to these ideals exist partially, but it is necessary that the questions of these social ideals are part of the collective discussions. work conceptually with the notions of Discourse Analysis of the French line, with Michel Pêcheux in France and Eni Orlandi in Brazil as main thinkers, among many others. Thus, this research aimed to work on the concepts that most fit us initially, it is to discuss discourse, subject, ideology and discursive memory, producing an intertwining between theory and discursive analysis. Thus, taking the Discourse Analysis as a theoretical basis, we will enter into the concepts and produce interpretive gestures looking at the relationship between motherhood and the woman subject, their relations in the past and in the present and the current issues that involve discussions in the networks as well as the effects of being or not being a mother in today's society. Our proposal is materialized in the understanding and possible deconstruction of an imaginary of "being a mother".

Keywords: woman; maternity; speech analysis.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Capa: Living in the body; Milk and Honey, pintura de 2010, de Amanda Greavette. Disponível em : < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#> > . Acesso em: 01 mai. 2021.

Introdução: Time was running fast, While we were walking so slow. I watched us grow and grow, pintura de 2012, de Amanda Greavette. Disponível em: <<https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

Tópico 1: The great beginning, pintura de 2007, de Amanda Greavette Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#> >. Acesso em: 28 fev. 2021.

Tópico 2: Under de moon, pintura de 2012, de Amanda Greavette. Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

Tópico 3: The delivery, pintura de 2008 – 2010, de Amanda Greavette. Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#>>. Acesso em: 03 mai. 2021.

Tópico 4: First Latch, pintura de 2017, de Amanda Greavette. Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

Tópico 5: Evangeline, pintura de 2007, de Amanda Greavette Vatican staircase por Greenwich Photography. Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

Tópico 6: Splendor, pintura de 2017, de Amanda Greavette. Disponível em: < <https://amandagreavette.com/birth-project-gallery/#> >. Acesso em: 07 mai. 2021

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representatividade feminina, maratonista Alysson Felix

Figura 2: Imagem de capa do *Blog “Mães fora da caixa”*

Figura 3: Imagem de capa do *Blog “Maternagem Descalça”*

Figura 4: Imagem de capa do *Blog “Maternidade Real”*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD = Análise do Discurso de filiação francesa

SUMÁRIO

1. O GESTAR DO TEXTO CIENTÍFICO	16
2. DANDO A LUZ AO TRAJETO DISCURSIVO.....	18
1.1 Os entrelaços da arte a luz da maternidade.....	21
3. PARINDO PALAVRAS E TECENDO SENTIDOS A RESPEITO DA MATERNIDADE.....	23
a. A construção histórica e cultural das diferenças entre os sexos	32
4. BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	43
5. PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS: OBJETO, CORPUS E RECORTE...59	
a. Seleção do <i>corpus</i> e recorte.....	64
6. UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MATERNIDADE NA MALHA DO DIGITAL	68
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
8. REFERÊNCIAS	82

1 O GESTAR DO TEXTO CIENTÍFICO



“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito,
impor minha existência numa
sociedade que insiste em negá-la’.
Djamila Ribeiro

Produzir uma dissertação não é uma tarefa simples. Escrever e percorrer sobre uma temática como a maternidade, enquanto mulher, na qual será apresentada como resultado final do trabalho de dois anos de pesquisa é algo desafiador. Pode-se dizer que escrever é uma maneira de expormos nosso ponto de vista diante do outro, o que nos faz sentido e o que nos provoca diante de tal temática. Dessa forma, principalmente no meio acadêmico, surgem os sentimentos de receio e responsabilidade. Por isso, escrever uma dissertação produz tantos efeitos na vida d e um sujeito.

Vale ressaltar que a produção deste trabalho é resultado de estudos, leituras e tessituras que nos permitiram emitir olhares acerca das questões referentes a maternidade e a malha do digital, bem como o emprego do uso de bases conceituais e metodológicas para trabalhar com um objeto ou temática. Os motivos que me levaram a trabalhar na construção desse estudo foram originados no decorrer de minha trajetória durante minha atuação em uma instituição de crianças e adolescentes, no contato com as mães que tiveram seus filhos retirados por alguma situação de negligência ou vulnerabilidade, ou até mesmo de mulheres que não tiveram condições de ter filhos, e mães por adoção. Esse percurso me provocou e inquietou diante de diversas vertentes e olhares frente ao sujeito mulher e a maternagem, o que passou a me interessar e fazer dessa inquietação, objeto do meu estudo.

Lembro dos primeiros atendimentos a essas mulheres, o quanto me afetou e mobilizou minha curiosidade de muitas delas não terem o desejo de receber novamente seus filhos, outras entregarem seus filhos para famílias substitutas e muitas delas não terem condições de terem filhos biológicos e ansiarem tanto por ser mãe, construindo múltiplos imaginários frente seus desejos. As discussões acerca da maternidade e do ser mulher têm chamado minha atenção desde meu primeiro contato com minha atuação enquanto psicóloga social de uma instituição de acolhimento, principalmente nos campos da Psicologia e Análise do Discurso.

2 DANDO A LUZ AO TRAGETO DISCURSIVO

“Se você nasceu com
a fraqueza para cair
você nasceu com
a força para levantar”
Rupi Kaur

Como ponto de partida do nosso trabalho, iniciamos nossa escrita com base no foco de nosso estudo, o qual se deu a partir do interesse pelo modo como circulam sentidos sobre a maternidade e a mulher na contemporaneidade, em especial nas redes online em que o discurso das mulheres se manifesta. Inquieta-nos analisar quais efeitos de sentidos a maternidade tem ainda hoje para as mulheres brancas burguesas de classe média, quais regularidades, deslocamentos e rupturas são produzidos pelo ser mãe hoje na contemporaneidade. Diante desse histórico, hoje vemos que muitas mudanças ocorreram nessa relação entre maternidade e mulher a partir de uma série de modificações na cultura e na história, ao mesmo tempo notamos muitas questões que voltam ao passado e que ainda se fazem presentes nos discursos e nos efeitos dessa relação.

Dessa forma, nosso objetivo em primeira instância, é trabalhar conceitualmente com as noções da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como principais pensadores Michel Pêcheux na França e Eni Orlandi no Brasil, entre muitos outros. Os conceitos que mais nos cabem inicialmente é discutir discurso, sujeito, ideologia e memória discursiva produzindo um entrelaçamento entre teoria e análise discursivas. Assim, tendo por base teórica a Análise do Discurso, vamos adentrar com os conceitos e produzir gestos de interpretação olhando para a relação entre a maternidade e o sujeito mulher, suas relações no passado e no presente e as questões atuais que envolvem as discussões nas redes digitais, bem como os efeitos de ser ou não ser mãe na sociedade atual. Nossa proposta materializa-se no entendimento e na possível desconstrução de um imaginário fechado e único sobre “ser mãe”.

A partir dessa problemática de pesquisa, nos propomos analisar o efeito da maternidade para as mulheres contemporâneas através dos *blogs*, meios digitais nos quais os discursos formulados passam a ganhar circulação. Investigar e analisar os discursos produzidos a respeito do efeito da maternidade para a mulher na malha do digital é um grande desafio, estudar essa materialidade pelo estofado teórico da Análise do Discurso (doravante AD) é um desafio ainda maior pois sabemos que tais dizeres são produzidos de maneira singular, inscrevendo um modo de a história se inscrever na língua a partir da posição de cada sujeito.

Pode-se ressaltar que a Análise do Discurso “não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas

vidas” (ORLANDI, 1999, p. 15-16). Ou seja, as palavras não estão fechadas com um significado já dado, mas os sentidos se movimentam e surgem efeito ao longo da história, pelas condições de produção, através das posições dos sujeitos no contexto, trabalharemos a língua em movimento.

Logo no primeiro capítulo falaremos sobre a historicidade do conceito de maternidade, fazendo um percurso pelo tempo e pela história, a fim de contextualizar a nossa temática na pesquisa. Trabalhamos diversos autores que compõe a nossa revisão a respeito da mulher, de sua constituição ao longo dos anos, os posicionamentos direcionados as mulheres dentro da família e também visando nossa compreensão em relação a maternidade, seus efeitos e movimentos durante a história.

Já no capítulo 2, nos debruçamos sobre os principais conceitos teóricos da AD que vão direcionar e sustentar a nossa pesquisa. Os trabalhos de Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil, além de inúmeros outros autores que trabalham com a perspectiva discursiva e tocam em especial as questões de memória, sujeito, ideologia, fundamentam o nosso percurso. Após o capítulo da fundamentação teórica de nossa pesquisa, no capítulo 3, iremos contextualizar a maternidade na malha do digital, mapeando esses sentidos na rede eletrônica, o qual conversará com nosso *corpus* de pesquisa.

Depois, passaremos pela metodologia situando nossa pesquisa dentro da abordagem qualitativa. Após essa etapa, apresentamos às análises discursivas do objeto de nosso estudo, no capítulo 5, em que buscamos compreender os efeitos de sentidos da maternidade para o sujeito mulher nas malhas do digital. Dessa forma, iremos analisar o efeito da maternidade para as mulheres contemporâneas, através dos *blogs*, como essa ferramenta através dos meios digitais, mostram os discursos produzidos pelas mulheres em relação a maternidade.

Serão trabalhados recortes de três blogs sobre os temas maternidade e mãe; cada blog foi acessado e acompanhado, o que possibilitou fazer diversos recortes referentes aos movimentos de sentidos dos sujeito-mulher sobre esses dois temas. Como mencionado anteriormente, em nossa pesquisa foram selecionados três *blogs*: “Mães fora da caixa”, “Maternagem descalça” e “Maternidade Real”. Os quais nos interessou observar o discurso, a memória discursiva e o sujeito afetado pela ideologia. Importante dizer que esses blogs foram criados por mulheres mães, que começaram a se questionar sobre a maternidade e a função da maternagem em sua

vida. Essas mulheres compartilham de suas vivências e buscam auxiliar outras mulheres que passam por situações semelhantes. Interessante dizer que os *blogs* buscam romper com paradigmas e imaginário referente a maternidade e a posição da mulher enquanto mãe, porém existe uma outra força, a qual é atravessada pela ideologia, que aparenta não deixar com que esse imaginário se rompa.

2.1 Os entrelaços da arte a luz da maternidade

Referente à escolha das imagens utilizadas nesse trabalho, elas instigam e causam sentimentos e emoções frente a temática da maternidade, fazendo alusão ao dar a luz e ao trabalho de parto. Quanto a autora das obras, é Amanda Greavette, mulher, mãe de cinco filhos e pintora, que reside e trabalha no Canadá. Amanda estudou Arte e Design e já apresentou suas obras em várias exposições individuais e coletivas. O trabalho de Amanda é baseado em anos de experiência, tanto pessoais vivida com os assuntos que ela representa, como também compartilhada de colegas. Utilizando a pintura a óleo, ela é idealizadora da forma humana e atraída pelas histórias de vida, principalmente aquelas que envolvem transformação, relacionamento, luta e amor. De acordo com seu site profissional “” uma das filosofias orientadoras de sua prática artística é fazer uma arte que reflita a própria experiência, paixão e interesse, o que torna o trabalho representacional, expressivo e simbólico. Tornando-o memorável e impactante.

Amanda é idealizadora do “Projeto Nascimento” (The Birth Project) que trata de uma série de pinturas que retratam mulheres grávidas, representando de maneira real e simbólica a experiência do nascimento, dos bebês e de suas mães. A idealizadora do projeto acredita que o nascimento é um evento poderoso e profundo que muda e molda a identidade, um despertar físico, emocional e espiritual ligados a experiências de dor, euforia, transformação e o acolhimento de uma nova vida. A artista tem o objetivo de criar um trabalho provocativo, bonito e carregado de emoção e símbolo. Amanda deseja que as pinturas e suas imagens contem de forma criativa e eficaz as histórias das mulheres mães.

Diante disso, a escolha das imagens fazem referência ao nosso trabalho, diante

da quebra de imaginário e do posicionamento da mulher mãe.

3 PARINDO PALAVRAS E TESSEANDO SENTIDOS A RESPEITO DA MATERNIDADE



“Somos úteros de duas pernas, isso é tudo:
receptáculos sagrados, cálices ambulantes.”

Margaret Eleanor Atwood

Produzir uma dissertação no meio da pandemia COVID-19 sobre efeito da maternidade e da maternagem, falar sobre o efeito de gerar e sobre vida, em meio a tantas mortes e perdas, esse desafio é ainda maior. Escrever é parir verbos, substantivos, conjugações, fazer um amontoado de palavras e sentidos. Podemos dizer que o ato de criação e escrita se mostra tão trabalhoso, pois nem sempre as palavras são suficientes para sustentar o seu sentido no texto. É preciso que haja esforço e dedicação, algumas delas precisam ser espremidas e também forçadas a sair.

No entanto, dar à luz a palavras também é se abrir para que elas surjam de maneira repentina e trabalhosa, assim como alguns partos. Desse modo, depois de pari-las, as palavras e os sentidos alimentam os leitores, da mesma maneira que a chegada dos filhos satisfazem de certa maneira o desejo e a nomeação do ser mãe. A realização desse trabalho é resultado de estudos, leituras e produção de sentidos e significações que permitiram novos olhares acerca de questões relacionadas ao efeito da maternidade para o sujeito mulher. Está sendo sustentado nas bases conceituais e metodológicas para trabalhar com um objeto e a temática relacionada a mulher e maternidade, a produção deste trabalho foi sendo realizada com diversas análises e seleções.

Consideramos que as discussões sobre o feminino vêm sendo potencializadas nos últimos anos em seus vários aspectos, seja pelos movimentos sociais e coletivos, seja pelo aumento dos índices de feminicídio, seja pelas diversas formas de relação afetiva entre mulheres, seja pelo questionamento em relação ao ser mãe. Assim, consideramos que os sentidos de e sobre maternidade são afetados e significam a partir dessa heterogeneidade de discursos que emergem na contemporaneidade, e ganham larga circulação nos meios de comunicação, no universo cibernético e nas redes digitais.

Dessa forma, me propus analisar esses efeitos de sentidos através da internet e do ciberespaço, escolhendo então três blogs para o recorte e análise dos posts e comentários, observando então a forma com que esses sentidos circulam, a maneira com que os discursos são colocados e como influenciam a vida das pessoas. A maneira como a maternidade é colocada para as mulheres sempre me inquietou, dessa forma falaremos a seguir sobre a historicidade do conceito da maternidade e do ser mãe. Problematizando nossa epígrafe desse capítulo, a qual Margaret Eleanor

Atwood faz referência:

“Somos úteros de duas pernas, isso é tudo: receptáculos sagrados, cálices ambulantes.”

O que seria essa exclamação: “isso é tudo”? O que é ser a mulher que só é útero? E mulheres que não tem útero, que não podem ser mães, são menos mulheres? Frente essa problemática, começamos a nos referir a compreensão da mulher e da maternidade, bem como a contribuir com nossa construção de escrita e gesto de leitura. Segundo Vázquez (2014) a compreensão da maternidade pela via histórica, além de ser um ponto imprescindível para o avanço da reflexão a respeito da história das mulheres, também é fundamental para a compreensão das relações de gênero e do efeito da maternidade.

Ao falarmos de maternidade, é necessário compreender as construções articuladas a esse termo, associadas historicamente. Quando falamos sobre maternidade, outro conceito que imediatamente invade nossos pensamentos é o conceito da gravidez. Cabe aqui fazermos uma diferenciação destes conceitos, pois os mesmos traduzem realidades muito diferentes. De acordo com Correia (1998) a gravidez está relacionada com a parte biológica, é o momento da concepção até o parto, dura cerca de quarenta semanas aproximadamente e é acompanhada de mudanças corporais e vivências psicológicas.

Já a maternidade corresponde a um outro fator, envolvendo questões de afeto e cuidado, se distanciando de um acontecimento apenas de ordem biológica. Badinter (1985) aponta uma tendência que a sociedade tem ao confundir determinismo social e imperativo biológico. A questão biológica sempre foi considerada um aspecto importante na diferenciação entre os sexos, a mulher sempre foi vista a partir de sua natureza biológica, devido sua capacidade de gerar e parir filhos, relacionando essa capacidade ao instinto materno, como um destino inescapável a mulher.

Nesse momento, podemos observar que a visão biológica também é algo construído, também faz referência a um discurso, o discurso de que o corpo da mulher foi feito para ser mãe, desse modo, sua posição na sociedade também é de ser mãe e quem for contra essa ideia, é ir contra um discurso biológico, contra uma construção histórica e social.

A identidade feminina foi historicamente construída a partir da diferença entre os sexos, fazendo o uso do argumento do corpo para definir o que é ser mulher a partir do que é ser homem. Assim, pode-se dizer que a identidade feminina foi definida através de representações de maternidade, a partir de atributos biológicos, ou seja, a possibilidade procriadora, algo único do corpo feminino, deste modo a mulher foi dado o destino materno, definido como seu único lugar social (KEHL,2008).

De acordo com Maria Rita Kehl (2008, p. 41), em seu livro “Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade”, ressalta:

“A feminilidade aparece aqui como conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades dos seus corpos e de suas capacidades procriadoras, a partir daí, atribui-se às mulheres, um pendor definido para ocupar um único lugar social”.

Nesse momento, a autora considera a mulher especificamente em relação à posição burguesa, a qual faz referência as mulheres que aparecem nos *blogs* que iremos discutir no capítulo 5 de nossa dissertação. Essa é a mulher que comparece, a mulher que vai ser mãe, que aceita esse destino e que depois questiona, não rompendo com casamento com seus filhos. Diferente da mulher negra, a qual foi negada essa maternidade, negado destino materno a mulher escravizada. A mulher negra hoje é a que mais perde seus filhos.

Vieira (2005) ressalta que o corpo feminino é concebido como um espaço para a reprodução biológica, ou seja, é representado como vazios que são preenchidos apenas com a maternidade.

Beauvoir (1949) em sua publicação da obra “O Segundo Sexo”, contestou fortemente o determinismo biológico ou destino “divino” que direcionava as mulheres à condição natural de mãe pelo fato de ter um útero. Simone então defendia que “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Nos anos 1960, a maternidade passa a ser vista como uma condição biológica utilizada socialmente para restringir a mulher ao espaço doméstico e, nesse sentido, passa a oprimi-la. Um dos requisitos para mulher para ser completa e aceita na sociedade era a maternidade. Nesse contexto, a sociedade ditava que as mulheres deveriam valorizar a maternidade e, caso elas não se tornassem mães, pagavam um preço alto, eram marginalizadas socialmente e também desvalorizadas pelo homem

(BARBOSA, ROCHA-COUTINHO, 2007). Vázquez (2014) pontua que foi construída a ideia de que as mulheres tinham uma tendência à maternidade, por um caráter biológico, por ser única em poder gerar a vida e de caráter sentimental, como se o amor materno tivesse um caráter instintivo. Nota-se, então, o quanto a maternidade foi valorizada socialmente durante muitos anos, até mesmo para um enquadramento sócio-histórico. A fertilidade, gerar a vida, como algo divino, como dádiva de Deus (CORREIA, 1998).

Diante dos mais diversos cenários, é possível perceber como a figura feminina é construída e significada a partir de sentidos que colocam-na como principal portadora de gerar a vida e cuidar, associando-a até mesmo a um ser divino, atribuindo à mulher pressupostos que consiste na ideia do mito do amor materno, reforçando seus desdobramentos discursivos, os quais constituem os mais diversos sentidos de uma conduta materna universal e necessária a mulher (RAMOS, 2007).

A associação a um ser divino, a representação religiosa fez parte culturalmente de um ideal de maternidade, sendo a figura de Maria que auxiliou na consolidação de um estereótipo de maternidade, fertilidade e de feminilidade. Maria foi construída como exemplo de mãe, foi discursivamente criada como sendo a mãe por excelência, perfeita. Aquela que tudo suporta, que sofre calada e que permanece casta até mesmo após o parto (VÁZQUEZ, 2014).

Na história cristã, Maria é uma mulher virgem, porém a mesma engravidou e seu filho foi concebido como filho de Deus. Maria era casada com José, o qual aceita seu filho, mesmo não sendo o pai. Nessa história podemos perceber um apagamento, um homem que aceita um filho de outro ser, a história bíblica e o cristianismo aceita essa condição. Olhando nesse vertice podemos pensar, que história mais moderna é essa? Que maternidade ideal é essa a qual é falada? Que pureza é essa?

De acordo com a autora, portanto, o cenário religioso construiu práticas discursivas relacionadas a maternidade idealizada e imaginária, uma maternidade artificial e até mesmo considerada inatingível, visto que o pecado original e o próprio ato sexual, não estão presentes em Maria, mas apenas nas demais mães do mundo. Dessa forma, caberia à mulher ser uma boa mãe, colocar o filho em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, generosa, compreensiva. Esse ideal de mulher, de mãe, seria ideal cristão de maternidade que deveria ser modelo de referência para as mulheres em geral. Um conceito articulado a maternidade e associado historicamente a esse termo é o conceito de família, o qual foi afetado e variado

historicamente, culturalmente, economicamente e politicamente no decorrer de cada época. Poster (1979) apresenta quatro modelos de estrutura de família entre os séculos XIV e XX, comprovando então que a família faz parte de uma construção social e, então, o mesmo apresenta múltiplos modelos contextualizados no tempo, na história e no contexto social.

Além disso, ela pôde ser compreendida como constituinte de um tipo de organização institucional familiar, cujo núcleo central articulador é a família, e, mais ainda, foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. Esta abordagem contribuiu para a compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas (SCAVONE, 2001).

Segundo Wanderléia Paiva (2019, p. 54):

“Consideramos que, ao longo dos anos, as mulheres experienciaram condições diversas marcadas pelo machismo, pelas tradições familiares, pelos silêncios diversos, que implicaram a sua anulação como sujeito de direitos, até a sua anulação como sujeito de desejos (vítimas de violência de todas as ordens, cujos choros não eram ouvidos e cuja sua voz era silenciada)”.

Scavone (2001) ressalta que a família aristocrática, dos séculos XVI e XVII, se constituía em um conjunto formado de várias pessoas: parentes, dependentes, criados e clientes. Dentro dessa instituição familiar, as esposas dos aristocratas eram figuras que exerciam a função de ter filhos e organizar a vida familiar, sem precisar se preocupar com a dedicação a criação das crianças. Cabe mencionar que durante esse período, a criança era comparada a figura do adulto, não tendo ainda a concepção de infância. Após a revolução industrial, Poster (1979) coloca que o conceito de família se alterou, mencionando que essa mudança se deu devido a nova concepção da criança, que nesse momento se separou da figura do adulto.

Ariès (1986) destaca que nos tempos modernos passou-se a admitir que a criança não estivesse pronta para a vida adulta, vendo então a necessidade de separá-la do adulto e orientá-la no âmbito da educação. Segundo Poster (1979), a partir do século XIX passa a existir um novo padrão familiar associado à classe da burguesia. Nesse momento o filho passa a ter um outro sentido para os pais, um sentido de

importância. Dessa forma, a família burguesa começou a se organizar em núcleos onde havia a divisão de papéis parentais.

Ao longo dos séculos, a mulher na posição mãe teve uma imagem relacionada ao cuidado dos filhos, ao zelo doméstico com eles e à imagem de sacrifício por eles, obtendo então novos significados, novas interpretações a respeito do ser mãe; as responsabilidades então começaram a se estender. A função materna, segundo Gabatz et.al. (2013), esteve e está ainda relacionada aos valores dominantes e aos imperativos sociais associados a cada período histórico, dessa forma, é conforme o valor que a sociedade atribui à maternidade a mulher será considerada uma boa mãe.

De acordo com Moura e Araújo (2004) durante um longo período, a maternagem foi pensada como intrinsecamente relacionada à maternidade, como função exercida pela mulher, a qual fazia parte da natureza dela, embora essa dedicação da mulher ao papel materno deva-se muito mais a questão social e cultural. Diversas questões históricas referentes a instituição familiar sugerem que a exaltação ao amor materno é descrito como instintivo e natural, se transformando em um mito construído.

Poster (1979) faz a observação de que nesse período histórico o amor materno é considerado algo natural entre a relação da mulher (mãe) com o filho, envolvendo então nesse momento o afeto e o cuidado. Badinter (1985) tenta compreender os sentidos da maternidade para mulheres francesas no século XVII, fazendo diversas relações com o amor materno, o qual faz parte da ideologia do mito, julgando então a presença ou ausência do amor da mãe para seu filho. A autora coloca a maternidade como uma construção social investida simbolicamente, que varia de acordo com contextos históricos/ sociais. Dessa forma, as concepções e sentidos relacionados à maternidade são reproduzidos por uma série de discursos e práticas sociais e antropológicas.

De acordo com Resende (2017) a questão do amor materno, geralmente, envolve uma associação de sentimentos positivos sobre a condição de ser mãe, permeando até uma questão de ser algo divino, uma dádiva como algo abençoado. Nota-se que há uma série de concepções a respeito da maternagem que são reproduzidas e marcadas por discursos sociais de cada época. Atualmente a maternidade e a maternagem são dois significantes que estão sendo usados e estão aparecendo quando se fala sobre essa temática. Dessa forma, a maternidade seria o estado de ser mãe, por meio de vias biológicas ou adotivas. Já a maternagem é o

estabelecimento de um apego seguro com o bebê, o qual pode ser estabelecido por qualquer pessoa, não necessariamente a mãe. Badinter (2011) mostra que na conforme existe a escolha, em se ter ou não filhos, não é mais possível falar que todas as mulheres anseiam a maternidade ou supor que todas as mulheres tem o instinto materno.

“Ao se percorrer a história das atitudes maternas, nasce a convicção de que o instinto materno é um mito. Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos.¹ Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É adicional” (BADINTER, 1985, p. 224)

Segundo Meyer (2005), a politização da maternidade pode ser encontrada no espaço de um debate mais amplo, nos países ocidentais, desde o final do século XIX e início do século XX, pelas mulheres feministas maternalistas. Elas se envolveram com ações de proteção à maternidade e à infância, já colocavam em pauta uma discussão política a respeito da maternidade e direitos maternos. O movimento feminista é um movimento moderno que tem seus fundamentos nas ideias iluministas e nas transformações a partir das Revoluções Francesa e Americana, desdobrando-se em diversos movimentos considerados primordiais que visavam à igualdade de direitos sociais, políticos e sexuais. Essa ideia de que era possível uma igualdade entre os homens levou algumas mulheres buscarem essa possibilidade em que era possível uma igualdade entre os sexos. (VÁZQUEZ, 2014).

No que tange ao auge da chamada primeira onda do feminismo, os movimentos de mulheres organizadas em prol da defesa de direitos no sufrágio e nos desdobramentos dele produziram outras relações de poder e de saber da mulher sobre a maternidade. Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX, o movimento desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadão – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio do proletariado por sua libertação (PINTO, 2003). Em relação ao movimento da primeira onda do feminismo, de acordo com Vázquez (2004) p. 173:

“As reivindicações do movimento versavam sobre os direitos da mãe, muitas vezes incorporando direitos trabalhistas como luta pela criação da licença maternidade. Dentro desta perspectiva percebemos que o feminismo deste momento não questionava de forma alguma o papel que a maternidade exercia sobre a vida das mulheres”.

Questionando a função da maternidade no contexto do pós-guerra, em que as forças conservadoras defendiam a família, a moral e os bons costumes, outros sentidos começaram a circular socialmente e liberdade sexual, liberação da prática da contracepção e do aborto, marcaram a pauta feminista centrada no sujeito mulher, dando os elementos necessários para a politização das questões privadas que eclodiram na trama de sentidos contemporâneos (FIRESTONE, 1976).

Scavoni (2001) ressalta que a luta pela livre escolha da maternidade, ou seja, pela contracepção livre e gratuita e a liberação do aborto rompia com o que definia a mulher pela maternidade. Esse direito era fundamental para a libertação das mulheres do lugar que ocupavam na vida privada. A crítica feminista, segundo a autora, era de que a experiência da maternidade era um elemento crucial para explicar a dominação de um sexo sobre outro, em que a mulher era colocada no lugar da reprodução biológica, da gestação, do parto, amamentação, ou seja, no cuidado com os filhos e com o lar, excluindo então as mulheres do espaço público, mantendo-as no espaço privado e sendo dominadas pelo poder patriarcal.

Segundo Scavone (2001), um dos elementos radicais desta politização relacionava-se à maternidade, isto é, refutar o determinismo biológico que reservava às mulheres um destino social de mães. A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino; sentido este que poderia ser questionado, colocado em dúvida e recusado.

“ (...) considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica, gestação, parto, amamentação e conseqüentes cuidados com as crianças determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina (SCAVONE, 2001, p. 13)”.

A crítica feminista, segundo a autora, considerava a experiência da maternidade como um elemento chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro, já que o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado, apenas ao domínio das questões domésticas e à dependência e subjugo masculinos.

Em um segundo momento, segundo Firestone (1976), a maternidade passou a ser considerada como um poder, um poder o qual só as mulheres possuem e os homens por não o ter invejam. A reflexão feminista nesse momento passa a dialogar com as ciências humanas e sociais, as quais passam a valorizam o lugar das mulheres na maternagem e gestação enquanto fonte de vida e poder, resgatando a maternidade como parte da identidade feminina.

Formulações vindas do movimento feminista, que fazem referência a identidade feminina, a essência feminina, são dizeres que vão afetando a mulher de modo violento, no sentido de não validar a mulher enquanto sujeito completo, por ir contra um imaginário.

3.1 A desigual divisão sexual do trabalho e seu impacto na maternidade

Dos anos 1990 em diante, segundo Tomaz (2015), sob a influência predominante de Foucault, começa a haver questionamentos as instâncias tradicionais de poder, deslocando então seu olhar para o corpo da mulher. Dessa forma, as investigações não se limitam às questões ideológicas apenas, mas avançam para uma preocupação com a subjetividade feminina, a tendência então de um feminismo mais centrado na mulher-sujeito do que nas questões igualitárias que tinham os estudos feministas dos anos 1960 e 1970 se reflete diretamente nos trabalhos que analisam a maternidade.

A diferença biológica, segundo a autora, foi também um ponto de partida para os estudos feministas analisarem a maternidade, porém as disputas de poder não podem ser pensadas apenas desse ponto de vista, mas de uma perspectiva social. A questão central não está no corpo da mulher ou do homem, mas nos sentidos socialmente construídos e atribuídos a essas diferenças. Sendo assim, a maternidade passou a ser entendida como um papel social atribuído à mulher dentro de uma organização sexual do trabalho, referindo a maternidade e suas múltiplas facetas ao

símbolo de um ideal de realização feminina, como também de opressão das mulheres. Isso coloca em discurso as inúmeras possibilidades de interpretação de uma palavra que durante séculos regularizava sentidos óbvios e unívocos para a maternidade.

Desse modo, pensando na organização sexual do trabalho, ser mãe seria um trabalho? A mulher deveria ser remunerada por exercer sua posição enquanto mãe? Por sua vez, Badinter em “um mito do amor materno” coloca que o amor paga, o amor pagaria toda dedicação pelo filho, dessa forma, falamos da ordem de um trabalho que é apagado. Pensando nisso, pode-se refletir que o capitalismo lucra muito com essa vertente, a mulher dentro de casa educa seu filho, gerando um cidadão que vai trabalhar e vai além disso manter o capital funcionando. Mais uma vez os blogs que serão analisados no último capítulo sustentam isso, que maternidade é trabalho, fazendo referência ao trabalho de parto, que de fato a mulher gasta muita energia para o mesmo acontecer. Aproveitamos para indagar se realmente o amor paga e se o mesmo está pagando esse trabalho.

No ano de 2021 saiu em diversas reportagens sobre a maratonista Americana Alysson Felix, a mesma perdeu patrocínio da Nike após ter engravidado, sua foto nos jornais mostrava com clareza suas medalhas e sua marca da cesárea. Sendo assim, a força da mulher está em outro lugar, a cesárea é uma marca, mas a força e a potência é de outra ordem, é da ordem do simbólico.



Figura 1: Representatividade feminina, maratonista Alysson Felix
Fonte: Twitter - <https://twitter.com/simsoufeminista>

Ainda sobre o trabalho de parto, hoje muito é falado sobre o parto humanizado, o que tem sido discursivizado como dominante, já que quando se fala no parto cesárea, o mesmo faz alusão a uma péssima mãe, a qual fez o filho nascer e vir ao mundo de uma maneira muito ruim.

Para Barbosa e Rocha (2007) a não opção pela maternidade vem crescendo. Segundo estas autoras, o adiamento ou até mesmo o não desejo pela maternidade se tornou comum, visto que nos dias de hoje, o desejo de ser mãe costuma entrar em conflito com outros modos de satisfação da vida da mulher como, por exemplo, com o trabalho. De acordo com Moreira (2009) o trabalho e a instituição familiar são tidos como valores muito importantes para as mulheres da sociedade contemporânea. Nesse sentido, Badinter (2011) afirma que a criança não está mais em primeiro plano, como se não fosse a maior prioridade. Segundo a autora, em primeiro lugar as mulheres pensam em sua independência por meio de estudos, cada vez mais longos, depois no trabalho e só então viria sua posição enquanto mãe. Muitas mudanças ocorreram durante as décadas e hoje, com abertura de possibilidades para

a mulher, principalmente no campo do trabalho nota-se que houve uma ressignificação a respeito da maternidade, como pontua os autores:

“A mulher atual tem assumido uma série de papéis que antes se referiam prioritariamente aos homens. Tal fato trouxe mudanças não apenas para a rotina da mulher contemporânea, mas também para seus projetos de vida e suas consequentes escolhas. Uma das áreas que sofreu um impacto importante em função da multiplicidade de papéis assumidos pela mulher da atualidade é a maternidade (LOPES; DELLAZZANA- ZANON; BOECKEL, 2014).”

No entanto, apesar desse deslocamento nos sentidos de maternidade e sobre o feminino, na atualidade do nosso país, ainda existem discursos sociais marcados especialmente pelo viés pentecostal que continuam a reforçar o papel da mulher na sociedade exclusivamente na posição de esposa e mãe, encorajando o desenvolvimento de características essenciais para seu papel na família. Acreditamos, então, que no que diz respeito à mulher contemporânea, uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes continua a ser a maternidade (FIRESTONE, 1976). Compreender os efeitos e significados da maternidade, segundo Campos (2002) é entender como essa vivência é construída, significada, negociada, em meio a estruturas de significados e de poder.

De acordo com Mattar e Diniz (2012) A maternidade está num lugar de subalternidade, o que indica que, ainda hoje, não foi possível, às sociedades e também os Estados agantirem que as mulheres não serão mães, se não quiserem, ou que poderão sê-lo, se assim desejarem. Segundo as autoras, o aborto é criminalizado e as mulheres têm de escolher a maternidade forçada, ou se arriscar em um aborto clandestino, com possibilidade de perder sua vida e a ausência das políticas públicas que são importantes ao darem suporte social se mostra ainda mais negligente. É preciso garantir que todas as mulheres possam não apenas escolher se querem ser mães, mas ter a possibilidade de viver a maternagem em um cenário de proteção e exercício de seus direitos humanos.

“Aquela maternidade que não é mera responsabilidade individual da mulher, mas do casal, da família e da sociedade, que recebe aquele novo cidadão ou cidadã na plenitude dos seus direitos. É a maternidade vista e entendida como trabalho social. Os direitos das mulheres são inseparáveis dos direitos das crianças e não há, a priori, nenhuma incompatibilidade entre eles. Isto implica a defesa dos direitos da maternidade, desde a assistência pública e

gratuita de boa qualidade, passando pela saúde no ciclo gravídico-puerperal, até a licença maternidade e o direito à creche e escolas públicas (Diniz, 2007, p.67)”

Ainda que, com várias mudanças nas últimas décadas, as crenças atuais ainda estão muito relacionadas à memória do passado (ROCHA-COUTINHO, 2005), muito marcada por uma sociedade patriarcal. Assim sendo, a representação social da mulher- mãe como “padrão de Mulher” ainda se mantém fortemente enraizada no imaginário social e marcada por sentidos já falados em outros contextos sociais.

Rastrear a historicidade dos sentidos sobre a maternidade é importante para compreender a produção de sentidos no contemporâneo, os modos de constituição, formulação e circulação dos discursos no digital espelham os dizeres do efeito da maternidade para esse sujeito. No decorrer da escrita, iremos tentar compreender questões referentes à maternidade que circulam hoje socialmente, os discursos a respeito da maternidade e os sentidos referentes a uma memória discursiva sobre a condição do feminino.

[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra- discursos (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Assim, vemos que muitas mudanças ocorreram nessa relação entre maternidade e mulher a partir de uma série de modificações na cultura e na história, ao mesmo tempo notamos muitas questões que voltam ao passado e que ainda se fazem presentes nos discursos e nos efeitos dessa relação. Assim, entendemos que a memória dos sentidos de maternidade aponta para um espaço tenso, cheio de divisões, diferenças e conflitos que se marcam na língua e nos discursos, e que, quando atualizados, fazem retornar uma voz sem nome (COURTINE, 1982) e algo já dito antes e em outro lugar. Dessa forma, vemos maternidade e o sujeito mulher, compreendidos a partir de determinações históricas e ideológicas de um “ideal de mulher” construído socialmente, inscrevem efeitos de memória, efeitos da língua e da história na produção da subjetividade.

Nesse momento, iremos trazer a relação do digital como parte de nossa pesquisa, onde os discursos e dizeres estarão inscritos, fazendo circular sentidos, sendo que a maternidade no digital é uma ressignificação da história e o quanto a

rede do digital influencia no repensar da maternidade na atualidade. Outro ponto a se destacar é o quanto a revolução tecnológica contribuiu com os imaginários que vem se rompendo, um deles a maternidade para sujeito mulher.

Dessa forma, iremos trabalhar o ciberespaço como local de surgimento de novos espaços de discursos e dizeres dos sujeitos, em especificamente, trabalharemos nossa pesquisa baseada nos blogs. Esses locais de conexão interagem e afetam o sujeito que navega na malha do digital, interagindo, comentando e compartilhando suas opiniões sobre diversos assuntos tratados no ciberespaço. Partindo dessa concepção de que iremos estudar uma temática tão ampla e com uma infinidade de possibilidades, iremos analisar os sentidos de e sobre a maternidade em *blogs* inscritos na rede digital, os quais observamos uma série de definições e depoimentos sobre ser mãe.

Dessa forma, iremos identificar quais são os discursos mais recorrentes sobre a maternidade hoje e também refletir sobre as suas condições de produção e as suas formas de emergência na contemporaneidade. Nesses termos, analisar os efeitos de sentido da maternidade, em espaços de escrita íntima na internet, pode sinalizar modos de conhecer, analisar e interpretar o imaginário sobre a mãe.

No século XIX muitas mudanças ocorreram no mundo, principalmente as que tangem questões relacionadas ao campo da comunicação e tecnologia, portanto falar sobre acesso de informações na rede e transmissão de dizeres é também falar sobre a disseminação de informações e discursos dos seres humanos. Ferreira (2011, p. 560) nos levanta algumas questões relacionadas ao cenário do século XXI e a tecnologia:

O início do século XXI é marcado por um acelerado desenvolvimento tecnológico e crescente uso das mídias digitais. Esse fato modifica em vários sentidos a vida das pessoas, alterando os paradigmas e as formas de interação dos sujeitos com a informação e o conhecimento. Falando especificamente da internet, não é fácil quantificar e qualificar a sua influência na vida das pessoas, mas sabemos que ela já está provocando mudanças em praticamente todos os setores.

Nesse contexto, da facilidade ao acesso da sociedade na rede eletrônica, temos a inscrição do sujeito na malha do digital, o qual é afetado pelas condições de produção do eletrônico, se posicionando discursivamente na rede. Segundo Moreira (2012), são esses movimentos que sustentam a malha digital, que permitem que os

sujeitos-navegadores continuem a perpetuar seus dizeres como um eco inesgotável. Schittine (2002) considera que o *blog* é um espaço interessante de observação do público e privado. Os *blogs* são cada vez mais compreendidos como espaços de rápida disseminação de informações na *Web*, crescendo de forma considerável, temos o desenvolvimento de buscadores de *blogs*, facilitando a busca desses espaços no ciberespaço.

Nesses espaços, temos a circulação de sentidos e discussões de questões e debates que cotidianos de diversas áreas e variados assuntos, podendo ser observados diversas produções de dizeres. Muitos pesquisadores têm se interessado pelos *blogs* como espaços de representatividade de dizeres. Muitos sujeitos buscam nos *blogs* um terreno de acesso para discutirem e até mesmo compartilhar o interesse pelas mesmas temáticas (LI; CHIGNELL, 2010; MOREIRA; ROMÃO, 2008).

“Diferentes setores têm se interessado pelos *blogs* como espaços de discussão e representatividade. Muitos sujeitos-navegadores buscam nos *blogs* um fértil terreno para a realização de discussões e a busca de sujeitos que compartilhem o interesse pelas mesmas temáticas (BASTOS, 2013, p.66)”

Os *blogs* caracterizam-se como ferramentas que permitem a publicação de pequenos blocos de texto, apresentados e organizados, geralmente, em arquivos cronológicos, sendo de fácil utilização para buscas, leitura e postagens (MOREIRA; BASTOS E ROMÃO, 2012). De acordo com Felitti (2009) os *blogs* passaram a ter grandes influências na constituição dos espaços digitais. A rápida conexão do leitor e o acesso a essas plataformas digitais foram características fundamentais nesse contexto (SEEGER, 2007). Segundo o autor, a resposta dos seguidores na rede influenciou essa rápida conexão e interação com a malha digital, sendo uma das características fundamentais do sucesso das páginas nos *blogs*, influenciando a constituição desses espaços.

A facilidade de criação e acesso a esses *blogs*, de acordo com Doorn (2010) facilitaram a formação de uma verdadeira rede de sentidos e discursos, que se conversam um com o outro, formando e constituindo os *blogs* de interesses comuns. Essa comunidade então, passou a ser enorme. Através dessa ferramenta digital temos diversas formas de compartilhamento, de trocas entre pessoas que permite um espaço de trocas, as quais possibilitam debates e reflexões de temáticas, proporcionando então, um espaço de possibilidades e dizeres (HARRISON, 2010).

Nesse contexto, segundo Moreira, Bastos e Romão (2012) temos a inscrição do sujeito, o qual é afetado pelas condições de produção do digital, e se posiciona discursivamente nesse espaço, em que a qualquer momento uma nova rota pode ser tomada e diversos outros sentidos podem ser inscritos. Dessa forma, podemos ressaltar que são esses movimentos que sustentam a malha digital e permitem que os navegadores deem continuidade na perpetuação de seus dizeres.

Dessa forma, através desses espaços de interação entre os sujeitos, segundo Pimentel (2010) os discursos podem ser observados e então se tornar materialidades para nossa análise discursiva a respeito da temática.

Pensando ainda nessa interação com a rede, podemos observar que ao postar, comentar e até mesmo publicar no blog, o sujeito passa a produzir discursos em relação a temática proposta nos posts. De acordo com Bastos (2013) ao colocar em discurso um dado conteúdo ele silencia outros assuntos possíveis de serem ditos. De acordo com Dias (2009, p. 89) nos coloca que a língua de um sujeito terá relação direta com a produção de sentidos, hoje em dia podemos pensar essa produção de sentido no espaço digital.

“As redes sociais são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento (DIAS, 2015, p.21)”

Dessa forma, a rede eletrônica mostra-se, então, como inscrição discursiva pela voz de sujeitos que se interagem, considerando que esses assuntos se fazem presente na malha digital, produzindo circulação pelo que nela está posto (MOREIRA; BASTOS E ROMÃO, 2012). Assim, cabe por assim dizer que o acesso, a troca de informações e seus efeitos estão se movimentando de acordo com as mudanças históricas, sociais e tecnológicas as quais afetam os sujeitos e seus sentidos.

O digital, então, passa a ser uma maneira de materializar, discursos, produzir sentidos, conhecimento e também circulação destes na rede eletrônica. Segundo Castells (2003) a civilização atualmente se insere nesse cenário tecnológico, ou seja, a sociedade que já faz parte da rede eletrônica e já utiliza dela para tanto práticas cotidianas, de trabalho, como também para demais atividades do dia a dia.

Segundo Orlandi (1996) o campo da Análise de Discurso vem trabalhando a partir de seu dispositivo teórico e analítico as questões que o digital coloca para a

linguagem e seu funcionamento, bem como, a relação do imaginário social, o qual se faz presente no discurso digital.

“O imaginário que rege essas relações é diferente do imaginário que rege as relações nas redes sociais. Não esquecendo que imaginário é aquilo que “medeia a relação do sujeito com suas condições de existência” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Ao falar do digital também podemos falar do arquivo em Análise do Discurso, de acordo com Dias (2005) quando falamos de arquivo, não estamos considerando o acúmulo de documentos organizados, não se trata do arquivo como materiais ou campo de documentos relacionados a uma questão, mas falamos da materialidade do arquivo.

Pêcheux (2008) considera o arquivo em sua materialidade, o qual implica em sua significação de um modo e não de outro, o que faz nunca ser o mesmo. Olhar para materialidade do arquivo é encontrar na prática de análise de discurso o momento da interpretação, em relação aos sentidos que ecoam a partir dessa materialidade.

“Não se trata de uma leitura plural em que o sujeito joga para multiplicar os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo sentido que lê (PÊCHEUX, 1999)”.

Guilhaumou e Maldidier (1994) já ressaltam, o funcionamento do arquivo é opaco, ou seja, vemos a partir de então a complexidade do arquivo, segundo Dias (2015) a descrição instala o real da língua, o equívoco, a falha e a interpretação instala o real da história, a contradição.

Desse modo, Dias (2015) já nos alerta que é essa exploração complexa do arquivo que mergulha o pesquisador na materialidade dos sentidos. A autora nos coloca em seu texto, referente aos arquivos no digital, algumas considerações: a temporalidade, a instabilidade do arquivo, a dimensão e heterogeneidade do arquivo, autoria e leitura dispersiva, mostrando que a relação central na leitura do arquivo digital é a relação entre a língua e a exterioridade. Dias (2016) resalta que que é o funcionamento da interpretação que interessa a análise do discurso. E Orlandi (1998) complementa mostrando que o digital é, portanto, matéria significativa, por não ser indiferente à matéria significativa, a análise do discurso nunca se restringiu à língua ou à escrita como lugares de constituição do sentido.

Afirmações realizadas anteriormente nessa pesquisa indicam o posicionamento de observar o ciberespaço como local de surgimento de novos espaços de inscrição dos dizeres dos sujeitos, entre eles temos os *blogs*. Esses locais de inscrição fascinam o sujeito-navegador que não deseja, apenas, encontrar informações e notícias, mas comentar e compartilhar suas opiniões acerca dos mais variados assuntos. O compartilhamento é o ponto chave das novas estruturas existentes no ciberespaço. E um dos lugares para compartilhamento dos internautas são os *blogs*. Entendemos que analisar os *blogs* como um fenômeno é algo necessário (RAK, 2005).

Schittine (2002) considera que o *blog* é um espaço interessante de observação do público e privado. Os *blogs* são cada vez mais entendidos como espaços interessantes de difusão de informações na *Web*, enquanto os *blogs* crescem de forma fantástica temos o desenvolvimento de buscadores de *blogs*, facilitando a busca desses espaços no ciberespaço. Nos *blogs* temos a difusão de informações e discussões de tendências e debates muito interessantes que estão em alta, nas mais variadas áreas, já que temos *blogs* abordando uma variedade gigantesca de assuntos. Os *blogs* têm servido como um espaço interessante para o setor comercial, já que tem sido usado de maneira interessante para a difusão e promoção de produtos e serviços (HAN et al., 2009).

Os *blogs* passaram por um processo de grande popularização entre diferentes classes sociais (TRÄSEL, 2009), acreditamos que isso tenha íntima relação com a questão da popularização dos espaços de acesso a internet para as mais variadas classes sociais, já que mais pessoas passaram a ter acesso aos locais de conexão ao ciberespaço. Com o *blog* temos outras formas de compartilhamento, de possibilidade de troca entre pessoas que se encontram separadas por barreiras diversas, como a distância geográfica, inclusive permitindo um espaço de confissão, reunião ou troca de informações, possibilitando a reunião e trocas entre sujeitos, tanto dos sujeitos-blogueiros como dos sujeito-navegadores, possibilitando que fosse debatido temáticas de interesse comum aos que buscavam um espaço de discussão (HARRISON, 2010).

A relação entre pessoas, inclusive de nações distintas é algo que chama a atenção e é muito observado nas relações estabelecidas no ciberespaço, inclusive nos *blogs*, existindo *sites* que permitem observar o acesso do *blog* por sujeitos-navegadores de outros países. Assim, o *blog* permite outra relação de suposta

intimidade com o outro, principalmente no que tange à questão da escrita de si, em que o outro se relaciona com os segredos compartilhados pelo sujeito-blogueiro e suas palavras passam a ser analisadas e opinadas por outros sujeitos. Uma nova lógica permeando a questão da intimidade e da escrita de si, onde ela passa pelo olhar do outro. Algo que passa a ser comum e aceito, na verdade necessário, já que os sujeitos-blogueiros passam a desejar e necessitar do olhar do outro para que consigam prover um *blog* de sucesso. A exposição na internet faz parte desse desejo por atenção e exposição (OLIVEIRA, 2009).

Dessa forma, os *blogs* ressaltam o ciberespaço como rede, em que são estabelecidas relações entre as pessoas que realizam suas postagens e as que comentam esses dizeres, sendo realizadas intensas trocas nesses espaços.

4 BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO



"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"
Simone de Beauvoir

O momento histórico do surgimento da AD é complexo, A Análise do Discurso teve seu início ao final da década de 1960, um período marcado por mudanças e transformações de nível mundial, tanto no campo científico, como político e social. O campo das Ciências Sociais foi significativamente marcado por movimentos dos campos político e social (SILVEIRA, 2006). Esse período na França foi marcado como o auge do Estruturalismo, o qual tinha o objetivo de normatizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico e que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada (FERREIRA, 2010, p. 19).

O criador da teoria, Michel Pêcheux, foi um grande pesquisador, nasceu em 1938 na cidade francesa de Tours, vindo a falecer em Paris no ano de 1983. O autor investiu em uma teoria que segundo Orlandi (2005) teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como está se manifesta na linguagem. Pêcheux, ao longo de sua trajetória, aproximou-se de grandes pensadores, estruturando-se nos estudos dos respectivos mestres, Ferdinand de Saussure, Karl Marx e Sigmund Freud. Dessa forma, elaborou uma teoria fundamentada em três áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo, com seu materialismo histórico e a Psicanálise. Podemos ainda ressaltar que entre os conceitos que Pêcheux retorna de tais pensadores mencionados anteriormente, ocorreu o aparecimento de novos conceitos e novas possibilidades de se pesquisar.

No Brasil, as pesquisas acerca da AD cresceram muito a partir das traduções e escritos de Eni Orlandi. Os estudos que fazem referência a Análise do Discurso Pecheutiana, encontraram um espaço produtivo para suas realizações. Os analistas do discurso brasileiros estão interessados na realização do desenvolvimento e promoção da teoria no país, de forma a ser pensada para satisfazer a busca de resultados (FERREIRA, 2008). De acordo com o autor, o trabalho com a AD é lidar com uma teoria que olha para os deslizamentos, a falta e a incompletude como parte desse processo discursivo, segundo Ferreira (2008) é uma teoria que perturba, desacomoda e inquieta, sendo trabalho do analista do discurso um trabalho desafiador.

Ao que tange a Análise do Discurso em seu ponto central, é uma teorização que estuda a língua, a noção de sujeito, um sujeito não conhecedor absoluto dos sentidos que produz, afetado por sentidos advindos de diferentes lugares sociais e

interpelado pela ideologia e pelo inconsciente. A Análise do Discurso nasceu a partir do pensamento estrutural da sintaxe e enunciação linguística pensada por Saussure, da interlocução entre a ideologia e da luta de classes diante do materialismo histórico estudadas por Althusser que teve suas raízes em Marx. Pêcheux realiza diversos retornos a autores e foi através do retorno a Marx, Althusser e Lacan que Michel Pêcheux fundou a Análise do Discurso francesa.

Através dessa teoria foi possível pensarmos o sujeito e sua posição diante do sentido, das palavras, da linguagem e seu discurso, que é movimento, durante sua teoria também é possível observar que na língua não há lugar para obviedades, que os sentidos se deslocam (Sousa, 2019). Levar esse conceito às últimas consequências teóricas foi o empreendimento radical e a contribuição epistemológica de Pêcheux na direção de aproximar os estudos da linguagem dos estudos psicanalíticos. A própria história pessoal do autor francês indica que, do lugar de onde estava, produziu o encontro da Língua, Psicanálise e Ciências Sociais, já que mobilizou a noção de língua, sujeito e história para produzir suas análises.

“O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrinca, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento.” (MALDIDIER, 2003, p. 15-16).

Antes de adentrar na questão do discurso, dentro da AD, cabe fazermos uma relação do discurso com a língua, nos cabe em um primeiro momento nos remetemos a Ferdinand Saussure, o fundador da Linguística moderna.

Ao longo da obra de Saussure vemos num primeiro momento, o investimento à gramática, com a uma visão limitada e normativa da língua, impondo regras e consequentemente o certo e errado na língua. Depois, surgiu a filologia que não tinha apenas a língua como objeto de estudo, mas também os textos literários. E por último, a história da linguística chega à gramática comparada que, faz uma comparação entre as línguas.

Em um certo ponto do pensamento de Saussure, vemos a linguagem atrelada a ciências, a Linguística, como ciência, estreitando as relações das teorias sobre a linguagem. Nesse caso, a Linguística não poderá trabalhar sozinha e então, surgiu à

correlação entre ciências como a fisiologia que, não diferente da Linguística, estuda os aspectos fônicos da língua. Durante muito tempo a Linguística não analisava o seu objeto de estudo, a língua, numa perspectiva histórica. Então surgiu à segunda dicotomia conhecida como sincronia e diacronia. A primeira estuda a língua num determinado ponto da história, enquanto a outra estuda a língua no curso evolutivo da história. Essa parte faz referência à imutabilidade e mutabilidade da língua.

A Linguística, tal como apresenta por seus alunos no livro “Curso de Linguística Geral”, ao introduzir a língua como um sistema, ao diferenciar língua de fala, toca a relação entre o signo, significado e significante; a partir daí instala-se uma estrutura da língua dotada de impossível, e inatingível. A estrutura da linguagem dentro do pensamento saussuriano encontrou certas dificuldades ao que tange os sentidos, a semântica. De acordo com Pêcheux, (1999a, p. 11):

“Ora, esta unidade acadêmica da Linguística pós-saussuriana ia novamente esfacelar-se no início dos anos 60, sob o efeito de dois processos a priori independentes, mas que se desenvolviam simultaneamente, durante cerca de quinze anos:

- o aparecimento na França de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea, mas que constituiu seu espaço pela referência a três nomes fundadores e á (re)leitura de suas obras: Marx, Freud e...Saussure.”

Se ocupar da questão do discurso como objeto era trabalhar com a língua em funcionamento, mas também trabalhar as relações e efeitos de sentido.

Para a teoria da AD, a língua está sempre em movimento, e nela sempre temos a falta, escapando de uma reflexão na qual a informação é transmitida de forma direta; já que a língua é afetada pelo ideológico e político (FERRAREZI, 2012)

A ciência, a linguística, responde pela ordem da língua naquilo que diz respeito ao sistema, mas nos processos discursivos ele é atravessado pela história e pelo sujeito. Isso permite que a língua adquira materialidade e espessura (DORNELES, 2005, p.45).

De acordo com Malidier (2003) é com a publicação em 1969 de “Análise Automática do Discurso”, de Pêcheux, que temos a reflexão inicial do discurso.

“A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe

interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2007, p. 15).

A teoria da Análise do Discurso tem como objetivo, trabalhar a língua funcionando para, então, chegar à produção de sentidos, permitindo a análise de discursos. Falar sobre o discurso, não é dizer de um esquema linear e fechado, mas apresentá-lo como efeito de sentidos entre os sujeitos.

O que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 1990, p. 82)

A teoria da Análise do Discurso investiga os movimentos do sujeito e os efeitos de sentidos através de processos históricos, focando o sujeito como um pilar importante para a compreensão do funcionamento da linguagem. A língua aqui é tida como uma estrutura simbólica que está aberta ao equívoco, ao furo e a falha. O discurso é identificado como processo, o que ocorre por conta das falhas que permitem o deslizamento e a emergência do outro, sendo observado no movimento tenso entre a língua e a história. O discurso é o “ponto de partida de partida de uma ‘aventura teórica’” (FERREIRA, 2010).

Segundo Fernandes (2008), todo discurso tem relação com a exterioridade da língua, ou seja, ele é determinado por tensões, lutas e litígios que estão tramados no social, na forma como os papéis sociais estão estabelecidos e na relação de poder que eles implicam.

O discurso, de acordo com Brasil (2011) é um material simbólico, é a porta de entrada para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia. No estofo teórico-metodológico da Análise de Discurso, é primordial escutar tal relação entre as formações sociais e os discursos, melhor dizendo, entre as condições materiais de existência e a produção histórica dos sentidos. Pechêux (1990) em sua obra “Estrutura ou acontecimento” coloca diversos questionamentos a respeito do discurso. Visto então que o discurso, de acordo com De Brito (2012) pode ser acontecimento, ou seja, o encontro entre uma atualidade e uma memória, o discurso então recorda as

formulações anteriores e possibilita outros discursos serem formulados a partir dele. E por ser estrutura, o discurso é uma materialidade linguística que favorece esse encontro, o acontecimento discursivo só é aceitável porque existe uma estrutura que o torna possível, sendo então responsável pelo efeito de sentido produzido.

Para a análise de discurso, de acordo com Brasil (2011), os dados não existem em si mesmos, visto que a concomitância do fato e do acontecimento, são extremamente necessárias para haver significação. Trata-se de compreender as condições de possibilidade de um dado discurso marcado pela memória social (corpo sócio-histórico- cultural compartilhado) e entrecruzado pela interdiscursividade (várias vozes sociais que se expressam na fala do sujeito), dessa forma:

“É no discurso que se observa a determinação histórica dos sentidos, uma vez que não se trata de cronologia e sim da maneira como os sentidos são inscritos na história, como são formulados, constituídos e o modo de sua circulação” (BRASIL, 2011, P.178).

Segundo a autora, o objeto histórico-ideológico, o discurso, é produzido de maneira social através da língua, materialidade, é uma produção social, “suas regularidades somente são apreendidas com a análise do processo de sua produção, jamais de seus produtos uma vez mais, pois é dispersão de textos, de sujeitos e de sentidos e seu funcionamento advém da própria noção de linguagem”.

De acordo com Gregolin (2009), todo discurso é marcado pela possibilidade de uma estrutura e de um acontecimento das redes de memória e dos trajetos sociais, dessa forma sempre haverá a incompletude no discurso, pois sempre haverá um espaço para novos sentidos e discursos, então nem a linguagem e nem a história podem esgotar por completo a discursividade.

De saída, pensando na temática trabalhada nesse texto, isso nos faz pensar o quanto a palavra “maternidade” é marcada por redes de filiações de sentidos já falados antes e cristalizados no funcionamento das relações sociais, e como isso é sustentado pela heterogeneidade de dizeres que estão em curso sobre o que é a maternidade, que se espera de uma mãe, o que pode e deve uma mulher desejar e/ou recusar em relação à maternidade. Ainda a respeito do termo discurso, Pêcheux (1990, p. 18) acrescenta:

“O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por

isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente”.

Os discursos são, portanto, saberes, e também efeitos de sentidos entre interlocutores como pontua Pêcheux (1969). O discurso implica uma exterioridade à língua, segundo Brasil (2011), pois se presentifica no social, inscreve-se na história. Orlandi (2007) ressalta que o discurso não se trata da transmissão de informação, não é um processo unidimensional em que temos um falante e um receptor, não é algo sequencial e fechado, um fala o outro recebe decodificando a mensagem. Para o analista de discurso, o objeto é o discurso. Essa autora ressalta que então para entender sobre o discurso é preciso saber também sobre os sujeitos, visto que o discurso é o efeito de sentidos entre sujeitos atravessados pela ideologia, chamados por dizeres não apreensíveis no engano do óbvio.

Com Pêcheux temos que o sujeito é uma posição no discurso, que sempre enuncia a partir de um certo lugar social de dizer e que se movimenta a partir das contingências históricas.

“Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.” (ORLANDI, 2005, p. 50).

A AD parte de um sujeito discursivo, não como um ser empírico, biológico, sociológico ou psicologizado, mas resgatando a noção da posição no discurso, um sujeito que está inserido em um contexto sócio-histórico. A visão de um sujeito que ocupa um no dizer. Implica na visão de um sujeito que, permanentemente, se movimenta, desloca, filia, rompe, resiste no processo discursivo. Trata-se de um sujeito que é “interpelado em sujeito pela ideologia e constituído pela atualização de redes de filiação da memória do já-dito” (ROMÃO, 2009). Em relação a nossa problemática, durante as análises dos recortes dos blogs, vemos que a todo momento, as mulheres tentam romper a todo momento com imaginário de ser mãe, porém ao mesmo tempo, observamos que não conseguem, visto que a ideologia

sempre está presente, o sujeito sempre estará interpelado pela ideologia.

Na AD, o sujeito ocupa certa posição no discurso, estando inserido em um contexto histórico. Essa posição tomada pelo sujeito não é fixa, já que ele é afetado, constantemente, pelo campo social, histórico, ideológico e inconsciente. Pêcheux (1990) nos mostra que o sujeito discursivo é sempre efeito de uma posição na linguagem, e que o mesmo é afetado pela ideologia. Tomar o sujeito assim significa considerar que a “a cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, identificando-o a um certo ponto na cadeia (o significante, no qual ele se representa), e que esse mecanismo de identificação diferencial não é outro senão o “efeito de sociedade”, cujas dissimetrias encontram aqui sua causa” (PÊCHEUX, 1995, p. 75).

Indicamos aqui que o sujeito discursivo enuncia a partir de uma identificação com os sentidos que, em seu lugar social, parecem naturais, óbvios e são tidos como aceitos, o que marca o processo de interpelação ideológica. Mas, considerando que “os sentidos sempre podem vir a ser outros” (PÊCHEUX, 1969) e que o movimento é marca do discurso, é possível ao sujeito migrar de posição, deslocar-se, desencontrar-se com os sentidos que o constituíam em um dado lugar e passar a se situar em outro ponto, identificando-se com outras redes de memória.

Desse modo, os sujeitos e os sentidos nunca estão prontos, nem muito menos, acabados, conforme consideração abaixo do próprio fundador da AD.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “si mesmo” (isto é, em uma relação transparente com a literalidade do significante). Mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidos. (isto é, reproduzidos). (PÊCHEUX, 1995 p. 160).

Tais sentidos em curso são definidos pelo funcionamento da ideologia, cujo mecanismo de naturalização ou estranhamento de certos sentidos, captura o sujeito na direção de ele tomar para si certas significações e assumir certo discurso. De acordo com Orlandi (2007), o conceito de ideologia, parte das considerações teóricas da linguagem, o mesmo é compreendido como inseparável da noção de sujeito, ocupando um espaço importante dentro da teoria, já que o conceito de ideologia e o sujeito são constituídos conjuntamente (FERREIRA, 2010).

O ponto central da ideologia é o de atuar na produção de evidências, sendo “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 46). A ideologia é um mecanismo responsável pela produção de evidências, as quais refletem no sujeito em sua questão com o imaginário e suas próprias construções históricas, refletindo em seu discurso, como não existisse outros modos de dizer algo. Agindo então como um mecanismo naturalizador de sentidos, visto que ao transmitir o discurso, certos sentidos são evidenciados em detrimento de outros. O sujeito, interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, não tem controle do que diz, não é o senhor de seu dizer, incapaz de controlar totalmente os sentidos que produz; dessa maneira, não há garantias de que o dizer de A chegue à B de forma transparente e exata.

Para Orlandi (2005), a ideologia faz parte das constituições dos sujeitos e de seus sentidos, o qual ele está interpelado para que se produza seu dizer. A ideologia é uma estrutura de funcionamento assim como o inconsciente, e em seu próprio funcionamento produz evidências que são subjetivas. De acordo com Althusser (1969), a ideologia existe somente por e para o sujeito, agindo como um sistema de representações atuantes nas sociedades, fazendo com que os sujeitos se relacionem dessa maneira com as estruturas do meio social. Dessa forma, vemos que não existe outro sujeito senão o sujeito da ideologia, os quais estão diretamente ligados.

“A ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

A ideologia interpela em sujeito os indivíduos. Por meio da ideologia é que torna-se possível o sentido e o sujeito (ORLANDI, 2007). É um efeito ideológico a sensação de que somos sujeitos, desde sempre, como se fossemos naturalmente livres, soltos, da mesma forma, nos parece evidente que uma palavra designe uma coisa, de forma direta, sem a possibilidade de ocorrência de deslizamentos (PÊCHEUX, 1997).

Para Orlandi (2005) não existe discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia, ou seja, o indivíduo é interpelado pela ideologia e de acordo com a autora

é dessa maneira que a língua faz sentido. Tal processo ocorre assentado em formações imaginárias que asseguram o lugar que o sujeito atribui a si mesmo, ao outro e ao objeto do discurso. É a partir dessas representações que o sujeito passa a se sustentar em seu lugar de dizer, marcando a seu modo como os sentidos:

“[...] estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. [...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações).” (Pêcheux, 1969/1997, p. 82)

O sujeito investigado na teoria e no método discursivos não e trata, assim, do indivíduo empírico, de carne e osso, mas sim de um sujeito que se posiciona no discurso para que se possa produzir sentidos, que se materializa na língua e o faz a partir da ideologia e do imaginário; um sujeito que dá na/pela palavra e no/pelo discurso.

De acordo com Orlandi (2007), o sujeito discursivo implica considerar sempre constitutiva a relação do simbólico com o político; dessa forma, o sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se e a se situar no mundo em relação às “coisas a saber” (Pêcheux, 1969), sendo assim, é desse modo que “o sujeito é chamado à existência” (idem). Assim, o autor assegura que o processo de interpelação é primordial para que o indivíduo, afetado pelo simbólico na história, seja instado à condição de sujeito, se subjetive e se estabeleça suas evidências para que possa enunciar.

Podemos dizer, então, que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e mestre do que diz, já que se coloca a partir da necessária ilusão de ser mestre de si e de sua fala, fonte de seu dizer e capaz de estabelecer uma relação termo a termo com as palavras e os sentidos. Isso tem relação com nosso objeto de estudo, pois, ao dizermos “maternidade” ou “mãe”, parece óbvio que certos sentidos sejam os únicos a serem possíveis pelo efeito da ideologia e da interpelação. E quais seriam esses sentidos, indagamos? Aqueles que estão estabelecidos e tidos como legitimados pelas e nas relações sociais, cristalizados pela memória discursiva e considerados como capazes de representar exatamente o que seria a maternidade e uma mãe.

Por exemplo, para a palavra “mãe” temos a regularidade de alguns sentidos dominantes que estão postos em circulação na trama social, tais como, aquela que ama incondicionalmente, que nunca é capaz de uma violência, que dá à luz e já sente uma identificação com a maternidade, que sempre precisa estar disponível aos filhos, que não rejeita a cria, que padece no paraíso, que nunca recusa etc. Como já dissemos, em relação ao significante “maternidade” o mesmo acontece, ou seja, também temos sentidos tidos como aceitos socialmente como dominantes, e eles representam imaginariamente certo tipo de mulher, certo dizer sobre ser mulher, certa forma de situar a mulher. Nesses dois pequenos exemplos, temos indícios do modo como a ideologia afeta e interpela os sujeitos a significarem (-se) de um modo e não de outro.

Distante da noção de um sujeito da consciência ou da razão, que se pensa livre e dono de si e da língua ao produzir seu dizer, o sujeito discursivo é tomado de assalto pela ideologia e pelo inconsciente, é dividido e não controla toda a significação, tampouco é senhor da sua própria língua cuja propriedade é a equívocidade. Esse sujeito assujeitado, desejante, e errante vai se deslocar por entre palavras, materialmente constituído pela linguagem e devidamente interpelado pela ideologia (GADET, 1997). Dessa forma, ressaltamos a ideia de que o sujeito sofre determinações de diversas ordens, sendo que o mesmo não é centrado, nem tampouco pleno, embora precise dessas ilusões de unidade, coerência, extensão, completude e transparência dos sentidos, para enunciar. Orlandi (1999, p. 47) argumenta que:

“São essas evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas. Essas evidências funcionam pelos chamados “esquecimentos” [...]. Isso se dá de tal modo que a subordinação e assujeitamento se realiza sob a forma da autonomia.”

Nesses termos, o sujeito diz e pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem (ORLANDI, 2007), o que nos permite inferir, em consonância com Pêcheux, que o sujeito do discurso é efeito de um processo de interpelação. Nele se presentificam processos imaginários de identificação e naturalização de certos sentidos que se inscrevem a partir da memória discursiva, isto é, processos que não independem completamente dos trásmundos, pelo contrário, é justamente esse pré-mundo – inscrito sócio-

historicamente – que determina o que podee deve ser dito (PÊCHEUX, 1990).

Trilhando tais considerações, o autor nos dá dois outros conceitos muito importantes para pensar a noção de sujeito: esquecimento número um e esquecimento número 2. Vale aqui o adendo de que não se trata de uma perda da memória cognitiva ou de um esquecimento acidental, mas de dois processos constitutivos no momento da enunciação que sustentam a emergência do sujeito discursivo, ou seja, são necessários para a entrada no discurso. Sobre eles, temos que:

No “esquecimento número 1” o sujeito “esquece”, ou em outras palavras, recalca que o sentido se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do “esquecimento número 1”, é por definição, inacessível ao sujeito. O “esquecimento número 2” designa a zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o “dito” e o rejeitado, o “não-dito” (MALDIDIER, 2003 p. 42).

O primeiro deles diz respeito ao sujeito se supor a fonte e a origem dos ditos que proferi, ou melhor, a certeza que ele tem de que as palavras brotam no momento da enunciação. O sujeito acredita que as palavras que diz são suas, exatamente em uma correspondência termo a termo da linguagem com o mundo. Já o segundo esquecimento assegura ao sujeito a certeza de que, dentre todas as palavras disponíveis, apenas uma é óbvia e exata para expressar o seu pensamento, ou seja, ele acredita que o seu enunciado é perfeito e fiel para representar o seu pensamento, apagando todas as outras formas de dizer que poderiam estar ali.

Esquecimento nº 2 refere se ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase - um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformula-lo na formação discursiva considerada. (PÊCHEUX, 1995 p.173).

Tal conceito diz respeito à recorrência de enunciados, separando e elegendo aquilo que, de fato, dentro de uma contingência histórica específica, pode surgir sendo atualizado no discurso ou rejeitado em um novo contexto discursivo. A esse respeito, trazemos outro operador conceitual importante, a memória discursiva, definida por Pêcheux (1969) como condição do legível. Com esse conceito, nasce a

possibilidade de toda formação discursiva produzir e operar ressonâncias e estar em relação a formulações anteriores, que já foram feitas, que já foram enunciadas e passam a ser deslocadas, rompidas e/ou reafirmadas a cada tomada de palavra pelo sujeito.

A memória, para a Análise do Discurso, segundo Grigoletto (2007) se configura como um saber discursivo, matéria fundante da linguagem, pode-se dizer que não há discurso sem memória e que em cada dizer essa memória é sempre atualizada. A memória a qual nos referimos aqui não deve ser entendida como capacidade de se lembrar ou esquecer-se de algo, como traço do mundo cognitivo, do biológico ou como propriedade da inteligência; porém, toma-se por esse termo a memória discursiva, aquela que é compreendida como a memória dos sentidos, a qual faz referência e sustenta o discurso do sujeito, condição do funcionamento discursivo. Inferimos que a memória discursiva tem a função de juntar os fragmentos históricos, um movimento que sustenta os sentidos que são atualizados ao sujeito. O sentido, portanto, nunca é pronto ou acabado, e nunca se dá por definitivo, pois ele sempre está em relação com o já-dito, seja para confirmá-lo, para polemizá-lo ou subvertê-lo.

A memória discursiva é, então, o sempre-já-aí, é um espaço de lutas e desdobramentos, conforme Pêcheux (1999[b]), e ao mesmo tempo ela também se configura como “o gesto de inscrever(-se) como sujeito só é possível preso à teia do repetível” (ROMÃO, 2007, p.54). Na produção de um discurso, é o interdiscurso que promove uma relação com todos os dizeres que já foram ditos e/ou silenciados antes em outro lugar. Pêcheux (1999) afirma que:

“A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.”

De acordo com a teoria discursiva, há um saber discursivo que possibilita que as nossas palavras façam sentido, isto ocorre porque algo fala antes, em outro lugar, de forma independente do discurso que é proferido na atualidade, como palavras já ditas e esquecidas, mas que continuam presentes e nos afetam em sua qualidade de esquecimento. Orlandi (1994) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima, que se produz no interdiscurso, apropriando se da memória que se

manifestará de diferentes formas em discursos distintos. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso (SCHERER; TASCETTO, 2015).

A memória, segundo Furlanetto (2000) é muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Memória é tudo que pode deixar marcas discursivas dos tempos distintos que o sujeito mobiliza, às quais se filia para significar na sua tecelagem discursiva que faz surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir. A memória discursiva, de acordo com Moreira (2012), sustenta a malha de sentidos já ditos e até mesmo aqueles já esquecidos ou impossíveis de dizer, malha que determina a emergência dos discursos. A memória faz relação com o enunciado inscrito na história e possibilita a formação discursiva, a circulação de formulações anteriores, já enunciadas.

A partir desse conceito de memória discursiva pela Análise do Discurso, vimos que nenhum sentido é pronto ou acabado, pois existe essa relação com o já-dito, relação que não funciona necessariamente como um mecanismo de confirmação, mas também como um espaço para polêmica e ou da subversão. Pêcheux (1990) ressalta que em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima. Dessa forma, é possível pensar em um outro conceito da AD, o interdiscurso, o qual tem íntima relação com a memória. Para Orlandi (2005), a memória também faz parte do discurso, logo, a maneira como ela surge induz às condições de produção do discurso, e assim a memória é considerada “interdiscurso”.

“O interdiscurso, em sua intrincação com o complexo das formações ideológicas, “fornece a cada sujeito” sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações “percebidas-aceitas-sofridas””(MALDIDIER, 2003, p.53)

Pêcheux (2009) define o interdiscurso como um conceito que fala anteriormente, de um outro lugar, ou seja, um já dito, o qual se relaciona diretamente com a memória discursiva e que retorna através do Interdiscurso, o qual faz referência com o outro discurso proferido. Ele funciona como uma reconfiguração, permitindo possíveis redefinições, apagamentos, esquecimentos entre os elementos de saber de uma formação discursiva, que se faz referência a vários e diferentes

discursos em momentos históricos sociais e políticos.

Os conceitos de discurso, sujeito e memória, tal como apresentamos anteriormente, são os pilares de sustentação de nossa base conceitual em torno dos quais é possível escutar a voz dos blogs, nos quais os sentidos de/ sobre a maternidade estão materializados pela língua, marcando sujeitos interpelados pela ideologia e pelo inconsciente, que atualizam e significam certas redes de memória.

**5 PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS: OBJETO, CORPUS E
RECORTE**



“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender?
Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisa
dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não
tinha”.

Rupi Kaur

Neste capítulo falaremos sobre a Metodologia desse trabalho Científico. E para dar início nos propomos a refletir sobre os passos de uma pesquisa Científica, ou seja, para refletirmos sobre o tema deste trabalho inicialmente, de forma científica, foi necessário que uma base teórica nos sustentasse. Dessa forma, observamos que é preciso delimitar o modo do fazer científico, sendo imprescindível a metodologia a qual se trabalha. Entrando na questão sobre o Método utilizado, o método de se fazer ciência, este faz referência ao caminho a ser traçado pela pesquisa científica e como será executado essa trajetória, afim de chegar a uma conclusão de sua hipótese ou pergunta de pesquisa. Minayo (2010) nos coloca alguns questionamentos em relação a prática científica:

Ao intentar produzir um trabalho científico, algumas perguntas devem ser feitas, às quais dizem respeito ao que pesquisar, por que pesquisar, como pesquisar, quando pesquisar, e por quem será pesquisado (Minayo, 2010).

Na etimologia, a palavra deriva do grego “*metá*” (“a seguir”) e “*hódus*” (“caminho”), ou seja, literalmente a palavra método chama a atenção para o “caminho a seguir”. Nesses termos, método é traçado dos passos fixados pelo pesquisador diante do seu objeto a fim de chegar ao cabo de uma pesquisa científica. Segundo Alvarenga (2003, p.16), método consiste em uma “forma ordenada de proceder ao longo de um caminho. Conjunto de processos ou fases empregadas na investigação e busca do conhecimento”. A escolha metodológica leva o pesquisador a lançar estratégias, conhecer procedimentos, descrever etapas, reunir dados, produzir operações para a formulação de considerações acerca de um objeto ou tema, atrelados aos objetivos estipulados por ele. De acordo com Alvarenga (2014) A finalidade de qualquer pesquisa é contribuir para a evolução do conhecimento humano, seja ele em seus diversos setores. Dessa maneira, deve ser sistematicamente planejada e apresentada, de acordo com as normas metodológicas estabelecidas e reconhecidas pela ciência.

Segundo este autor, a metodologia se estabelece como “um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e investigar problemas, de forma sistemática”, ou seja, são diversas possibilidades de se elucidar os métodos que irão compor uma pesquisa, ela não busca soluções, mas escolhe a maneira de encontrá-las.

Entrando nesse momento no caminho da especificação metodológica para produção de trabalhos científicos, como mencionado anteriormente, as perguntas de pesquisa vão nortear a linha que a pesquisa irá seguir, seja ela categorizada dentro da Ciências da Natureza ou das Ciências Humanas. Essas Ciências buscarão de maneira particular compreender e questionar assuntos que inquietam o universo a seu entorno. Assim, pensar abordagens de pesquisa é relevante para que se possa produzir um conhecimento de contribuição a área acadêmica e social.

Nessa direção, objetivamos com a metodologia qualitativa a descoberta das explicações subjacentes e os modos de inter-relação, observando os sujeitos, os sentidos, as enunciações e as interações, o que leva o pesquisador a participar de atividades, entrevistar pessoas, conduzir histórias de vida ou estudos de casos e analisar documentos já existentes (SABADINI et. al., 2009, p. 133).

Em primeira instância, nosso objetivo é trabalhar conceitualmente com as noções da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como principais pensadores Michel Pêcheux na França e Eni Orlandi no Brasil, entre muitos outros. Assim, tendo por base teórica a Análise do Discurso, vamos adentrar com os conceitos e produzir gestos de interpretação olhando para a relação entre a maternidade e o sujeito mulher, suas relações no passado e no presente e as questões atuais que envolvem as discussões nas redes digitais, bem como os efeitos de ser ou não ser mãe na sociedade atual. Nossa proposta se materializa no entendimento e possível desconstrução de um imaginário de “ser mãe”.

Em relação aos nossos objetivos específicos Os principais tópicos a serem trabalhados diante dessa temática são: i. estudar questões a respeito da maternidade e da mulher; ii analisar os discursos (posts) dos três *blogs* supracitados sobre ser mãe e interoretar os efeitos de sentido que reverberam ali; iii.compreender e interpretar o modo como a maternidade é significada e discursivizada por mulheres contemporâneas e investigar que posições imaginárias elas atribuem à maternidade, à gestação e aos filhos; iiiii. produzir gestos de interpretação dos discursos de mulheres sobre a maternidade produzidos em espaços denominados de escrita íntima (blogs) na malha do digital.

De acordo com Minayo (2010) As principais abordagens utilizadas são as pesquisas quantitativas, as qualitativas e as mistas. A autora ressalta que não devemos pensar como metodologias opostas, mas sim, pensar como metodologias

complementares, que contribuem no modo de fazer pesquisa de acordo com a maneira singular de cada uma delas. Nos estudos qualitativos, o interesse está centrado na descrição dos significados, já que o foco desse tipo de metodologia é buscar um exame interpretativo das observações e do material encontrado, produzindo um estudo sobre os processos de significação de determinada realidade.

De acordo com Günther (2006), a pesquisa qualitativa consiste em um processo subjetivo de construção, isto é, tanto as teorias, quanto os objetos de estudos na perspectiva qualitativa, são efeitos de uma descoberta e de uma desconstrução, cujo método deve se adequar ao objeto de investigação. Para o autor, uma das grandes ênfases da pesquisa qualitativa é que o objeto de estudo é “sempre visto na sua historicidade” (Günther, 2006, p. 202) e que tem como fio condutor a contextualidade, a reflexão contínua e a uma interação dinâmica entre o pesquisador e o seu objeto de estudo. Estando no âmbito metodológico, temos que a pesquisa qualitativa visa os processos subjetivos, a maneira de se olhar para novas interpretações e produção de novos pensamentos, o método a se utilizar deve se adequar ao objeto de análise (GÜNTHER, 2006). Dessa forma, concordamos com Günther (2006, p. 202) quando ele coloca que um objeto de estudo é “sempre visto na sua historicidade”, já que é preciso escutar a interlocução entre os discursos a serem abordados.

Também Pêcheux (2006, p. 56) propõe tal consideração sobre a historicidade já que “todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação” capaz de constituir efeitos das filiações sócio-históricas de identificação deslocadas em seu espaço, estas ligações são, de uma forma ou de outra, afetadas pelo *outro*, por um discurso já dito em uma determinação sócio-histórica (PÊCHEUX, 2006).

Ao escolher a AD como teoria que permeia nossos estudos e possibilita a realização das análises, consideramos que trata-se de uma região teórica que permite que a mesma pesquisa, nas mãos de outro analista do discurso, possa obter análises e resultados totalmente distintos dos obtidos, seja na composição do *corpus*, recortes, consulta a diferentes arquivos, mobilização conceitual, análises, etc. Isso é enriquecedor e possibilitou que refletíssemos de uma maneira (outra) acerca do fazer científico (ORLANDI, 2007).

As posições da AD permitem que o pesquisador se aventure e arrisque nas tramas científicas. Entendemos que trilhar uma estrutura mais estável permite ao investigador uma sensação de maior segurança, pois nossa clássica formação

positivista parece assegurar isso, mas também “corre-se o risco de se perder a oportunidade de ver o espetáculo da revelação do complexo” (SILVEIRA, 2000, p. 124). Analisar apenas os produtos é tradicionalmente um caminho mais seguro e percorrido pelo fazer científico ocidental, mas isso resulta em uma perda de possibilidades de observação dos processos. O que, inevitavelmente, gera um prejuízo para o fazer científico. Não é a quantidade de fontes que qualifica um trabalho ou constitui um arquivo, mas o tratamento que esse material recebe (SILVEIRA, 2000).

O interesse para a AD é trabalhar com uma profunda análise do material selecionado, não sendo tão relevante o tamanho do material, como em outras áreas de pesquisa, visto que todo discurso é possível por conta de discursos anteriores, temos a questão do já-lá (LAGAZZI, 1988), assim, a AD diverge dos pressupostos de exaustividade e completude tão essenciais nas pesquisas e observações empíricas (MARIANI, 1998).

Dessa maneira, cabe agora falarmos sobre a Análise do Discurso como metodologia nesse trabalho. A AD em sua base teórica e metodológica encontra-se no campo da pesquisa qualitativa, visando à interpretação da linguagem em suas materialidades sócio-históricas que já produzem sentidos; entendemos que o trabalho do analista não é isento da ideologia, mas investiga outras possibilidades do dizer, outras formas de produção de sentidos e processos de significação. O gesto interpretativo de nossa análise terá como foco a constituição e movimentação dos sentidos e dos sujeitos, e “[...] preocupa-se com o que não está ‘escrito e visível’, sai em busca do rastro (da pegada) ‘do estrangeiro’, melhor dizendo, do sujeito enquanto posição discursiva” (SOUSA; GARCIA; FARIA, 2014, p. 98).

Assim, com esse percurso que navega entre teoria e análise, análise e interpretação, a busca de sentidos e significações pautadas no discurso faz com que se abram outros olhares e novas formas de entender a realidade histórica e social. Sobre isso, chama a atenção para a relação pendular e interdependente entre a prática analítica e o arcabouço teórico, visto que “o método que é usado na AD é próprio, considerando que o histórico e o ideológico afetam o sujeito-pesquisador e o seu objeto de análise” (Bastos, 2018, p. 23). Compreendemos que é na/pela linguagem que o sujeito se constitui e é também nela que ele deixa as marcas desse processo ideológico, apontamentos que apresentam uma importância imensa para nossa forma de percorrer o caminho de nossas pesquisas, tendo em vista o fato de que

escutamos a língua em funcionamento.

Retornando ao passo da metodologia, em que estuda o melhor percurso para se construir e questionar o objeto proposto na pesquisa, destacando nesse momento a metodologia da Análise de Discurso, essa teoria é determinada por “marcas de rolamentos, de navegação, de rachaduras e de trincados” (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 94), mostrando que nosso trabalho não é linear e sólido, mas caminho em movimento, vai e vem de um pensamento em constante mutação e transformação. Em outras palavras, segundo os autores (Sousa; Garcia; Faria, 2014):

Nesses termos todos nós, que trabalhamos com a metodologia da teoria discursiva francesa, encontramos-nos debruçados diante do texto como caçadores de pegadas do sujeito, de secreções de sentidos e de vestígios da estrutura e do acontecimento, tocando os suores do enunciado pelo que escorrega às margens (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 96).

Trabalhar a metodologia na AD, é necessário levar em conta a parte histórica, visto o sentido do dizer e a interferência da ideologia diante do mesmo. Segundo Bastos (2013) é a partir disso que é possível pensar na ideia de movimento dentro da teoria Pêcheutiana, o que foi significado de uma maneira pela história, agora existe a possibilidade de se permitir novas significações.

Pelas marcas que o sujeito deixa na linguagem é possível uma aproximação do pesquisador; dessa forma, fazendo uso da AD, o analista consegue escapar dos modelos de análise pré-formadas como também do possível achismo. É na análise que o *corpus* acaba delimitado. Falamos de *corpus*, quando abordamos um recorte de dados. A interpretação para a análise nos estudos da AD não é algo realizado de forma automática. O ponto a destacar na AD é que a escolha do *corpus* não é feita de forma premeditada (anteriormente), mas durante a realização do trabalho, o que caracteriza a AD como uma pesquisa que permite uma profundidade analítica do material (LAGAZZI, 1988).

O interesse do analista do discurso não compreende (ou se interessa) por completar ou mesmo esgotar uma dada questão. O analista do discurso visa apresentar uma amostra que permita servir de análise para sua pesquisa, possibilitando, uma contribuição na observação de um dado problema (INDURSKY, 1997).

Partindo da Análise do Discurso como ponto chave de nossa metodologia, iremos fazer nesse momento uma adequação a nossa pesquisa, ao nosso objeto.

5.1 Seleção do *corpus* e recortes

A escolha temática desta pesquisa ocorreu por diferentes motivos. O interesse de abordar questões que possuem uma certa importância nas discussões referentes às mulheres e o universo feminino têm mobilizado algumas de nossas reflexões no decorrer dos anos, inclusive nesta pesquisa.

Atualmente, o destaque dado à posição da mulher, imaginário social e a maternidade têm permitido reflexões interessantes ao longo da história, visto que temos encontrado uma série de pesquisas que têm as mulheres como ponto central de análise e observação. Da mesma forma, as discussões envolvendo a tecnologia afetam o cotidiano de todos e compreendendo a impossibilidade de estudar todos os espaços do ciberespaço, notamos a importância de selecionar um desses espaços para análise e observação, para um melhor estudo e observação dos movimentos do sujeito em meio a tais questões, os *blogs*.

No caso do nosso estudo, iremos nos ater a este último ponto, posto que observamos os documentos digitais postas em três blogs de escrita íntima de sujeitos- mulheres sobre o tema maternidade. De acordo com nossa constituição do *corpus* dessa pesquisa, é possível mencionar que o mesmo é composto, por recortes de três blogs sobre os temas maternidade e mãe; cada blog foi acessado e acompanhado, o que possibilitou fazer diversos recortes referentes aos movimentos de sentidos do sujeito-mulher sobre esses dois temas. Como mencionado anteriormente, em nossa pesquisa foram selecionados três *blogs*: “Mães fora da caixa”, “Maternagem descalça” e “Maternidade Real”. Os quais nos interessou observar o discurso, a memória discursiva e o sujeito afetado pela ideologia.

Em relação aos *blogs* analisados que compõem nossa Dissertação, esses espaços foram selecionados por atenderem os critérios estabelecidos e por, no decorrer da análise e leitura, terem chamado nossa atenção. Retomo que no fazer da AD a escolha do material que compõe a *corpus* já faz parte do fazer analítico, como adiante será conceituado neste capítulo. Os três *blogs* selecionados são esses:

Blog	Endereços
Mães fora da caixa	http://www.maeforadacaixa.com.br/
Maternagem descalça	https://maternagem-descalca.medium.com/
Maternidade real	http://www.maternidadereal.blogspot.br

Tabela 1: Blogs selecionados para compor a pesquisa.

O processo de contato e observação dos *blogs* teve início logo com a escolha do tema de minha pesquisa, desde o processo de escrita de meu projeto de Mestrado na USP. O processo de escolha do material que compõe essa pesquisa ocorreu com a observação do atendimento dos pontos estabelecidos como delimitadores para a pesquisa, tais como a atualização dos espaços e o local de escrita dos *blogs*.



Figura 2: Imagem de capa do *blog* “Mães fora da caixa”

Nesse momento nos propomos em analisar discursivamente a nomeação de cada *blog* escolhido nessa dissertação; o primeiro deles é o *blog* nomeado como: “Mães fora da caixa”

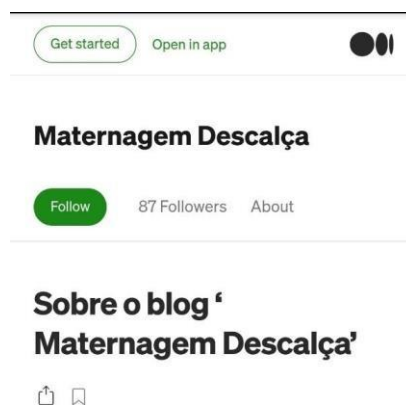


Figura 3: Imagem de capa *blog* “Maternagem Descalça”



Figura 4: Imagem de capa do *Blog* “Maternidade Real”

No *blog* “*mães fora da caixa*”, quem fala é Thaís Vilarinho que se coloca como uma mulher, mãe que começou a se questionar sobre a maternidade e a função da maternagem em sua vida, como forma de colaborar com outras mães que se questionavam a respeito desses pontos, decidiu escrever voltado para esse público, criando um *blog* envolvendo questões referentes à maternidade. Na página “*Maternagem descalça*”, quem realiza as publicações é a mãe Daniela Nogueira, a fim de se despir dos paradigmas pré-construídos da maternidade, Daniela se propõe a discursivisar a respeito do feminino e da maternidade. A autora do *blog* “*Maternidade Real*” também é uma mãe que não se conformou com os relatos felizes e motivacionais da maternidade, decidindo compartilhar sua experiência a respeito da maternidade. Sendo assim, em primeira instância, buscamos estudar e entender a historicidade a respeito da mulher e da maternidade desde o século XVIII até os dias de hoje. Com esse perpassar histórico entraremos em nossa sociedade

atual regada pelo recurso digital e do ciberespaço mulher.

Vale ressaltar que a teoria acredita na incompletude de sentidos, dessa forma, não nos cabe esgotar ou até dar conta de toda interpretação e sentido, buscamos focar em pontos específicos, a fim de produzir gestos de análises linguístico-discursivas e um olhar diferenciado a situação. Com o objetivo de constituir o corpus específico de análise, foi feito o trabalho de recorte dos fragmentos textuais coletados. Entendendo recorte como

“uma unidade discursiva.

Por unidade discursiva, entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e- situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva (...) que remeta à polissemia e não à informação.” (Orlandi, 1984, p.14).

As seqüências discursivas serão selecionadas e destacadas do corpo preliminar dos dados. Esse momento é importante, porque aqui o analista se implica também como sujeito da análise, constituindo-se no que foi escolhido e/ou suprimido, o que para a teoria discursiva faz sentido já que nela inexistente a ilusão da objetividade e do distanciamento asséptico entre sujeito e objeto.

O passo seguinte foi a análise dos dados, mobilizando as noções da teoria discursiva pecheutiana, quais sejam, discurso, sujeito, interpelação ideológica e memória discursiva. Nosso interesse na investigação e na interpretação do modo como objetos simbólicos produzem sentido na teia digital a partir da voz de mulheres que assinam blogs sobre maternidade. Buscou-se interpretar, em sua opacidade, a memória que sustenta a significação, a ideologia que disponibiliza regiões permitidas e/ou interditas para o sujeito que, na posição de mulher, constrói seus movimentos de produção de sentido(s).

6 UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MATERNIDADE NA MALHA DO DIGITAL



“Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras – liberdade caça jeito”.

Manoel de Barros

Nesse momento, dedicamo-nos às análises que compõe nosso *corpus* de pesquisa, obtidas de *blogs* que fazem relação com nossa temática, ou seja, que fazem interlocução com a maternidade, com o objetivo de tocar a esse imaginário do ser mãe. Diante disso, as análises na AD são feitas do estudo da prática e da realização da teoria, dessa forma, nessa pesquisa foram realizadas algumas análises que permitem olhares acerca do corpus e tema propostos nessa discussão.

Nesses *blogs* observamos então as posições dessas mulheres mães em relação a maternagem, como: o amor materno, relação da mulher com a maternidade, as sobreposições de papéis da mulher, entre outras. A escolha da temática maternidade se deu por ser um tema relevante na atualidade e suas interessantes interlocuções nas discussões da AD.

Após traçarmos nossa trajetória ao pensar o sujeito mulher e sua relação com a maternidade, nos propomos a entender essa relação e desenvolver gestos de análise e interpretação que vão além dessa relação singular entre a maternidade e a mulher, mas como isso está enraizado em um imaginário social e as marcas ideológicas deixadas. Pensar em algumas questões, como o passado histórico e a significação da maternidade no passado em relação a maternidade na atualidade e seus impactos para a mulher e também para a sociedade, nos motiva ainda a discutir esse assunto.

Dessa forma, vale destacarmos que para a AD não existe o óbvio, esse óbvio é questionado o tempo todo, existe a possibilidade de pensar e questionar esses modelos que vem sendo seguidos, contribuindo com o movimento ideológico. Nesse momento nos cabe um retorno a nossa materialidade nessa pesquisa, a “materialidade digital”, em que analisaremos os discursos digitais de blogs, segundo Dias (2016) a materialidade digital não é reduzida apenas a esse meio, a malha digital, mas ela é caracterizada principalmente por sua discursividade.

De acordo com Mariani e Medeiros (2013) e Bastos (2018), o analista do discurso tem a função de relacionar a linguagem com a exterioridade, visando entender as singularidades dessas relações, interagindo com a teoria discursiva para a produção de significados. Dessa forma, a fim de entendermos o efeito da maternidade para a mulher na circulação digital, olharemos para nossas materialidades, que vão surgir através de três blogs, a partir disso encontramos

imagens, comentários e discursos que trazem resquícios desses significados que nos servirão de aporte analítico nesse momento, que nos cabe entender essa inscrição no digital, como também a posição desses discursos na atualidade.

A partir de agora entraremos em contato com o nosso corpus de pesquisa, juntamente com os conceitos da nossa teoria, visando nosso objetivo de compreender o efeito da maternidade para a mulher, a qual se dá o movimento de interpretação do nosso corpus. Partindo da Análise do Discurso, representaremos essas análises, as quais representarão o lugar da mulher diante da maternidade, seus efeitos e até essa relação no imaginário social e suas significações. Este post trazido do *blog “mães fora da caixa”* relata em primeira instância sobre a questão da carga mental na mulher diante não apenas da maternidade, como também de outras demandas e responsabilidades, que muitas vezes ficam apenas no encargo da mulher. Nessa postagem Thaís Vilarinho coloca:

“Precisamos dividir toda a responsabilidade e não ter que pedir para o nosso parceiro fazer o que está diante dos olhos de quem pode enxergar”.

Nesse recorte temos a imagem de uma mulher hetero, branca, a qual demonstra não ter o desejo de dividir sua responsabilidade, gerando uma sobrecarga. Notamos ainda nesse recorte um apagamento da figura do pai, da figura masculina. Em relação ao equilíbrio, vale nos provocar acerca do que significa essa palavra, esse discurso burguês. A vida equilibrada estaria se referindo o direito a educação, saúde? Vemos aqui mais um apagamento, em que a classe alta, apaga as demais classes, sustentando um ideal burguês.

Tal formulação aponta a polissemia do termo caixa, que nos remete aos sentidos de forma, modelo, algo que fecha os limites de uma forma. Estar fora da caixa discursiviza um outro modo de ser/estar na maternidade, uma ruptura com os sentidos contornados, conformados e estabilizados pela “caixa”. A imagem corrobora a colocar uma mulher abraça a um ursinho, ao lado de um cesto de roupa (suja?), o que faz falar um ambiente doméstico ligado ao trabalho feito essencialmente por mulheres, muitas mães. O texto marcado pela tag “carga mental” funciona de modo a marcar o sentido de urgência em “dividir toda a responsabilidade”, ou seja, não tomar apenas para a mulher e a mãe as tarefas de cuidar da casa e dos filhos. Nesse sentido, algo fora da caixa é discursivizado:

romper com os padrões do patriarcado e da cultura de poder que ele instala e convocar os homens para a tarefa, trabalho, responsabilidade de ver e fazer diferente.

De acordo com Yalom (2002) os papéis sociais estão ligados aos conceitos de casamento e família, os quais são históricos, culturais e políticos. Em algumas sociedades e culturas são desenvolvidos mecanismos para transformar as mulheres em esposas “ideais” e até mesmo mães “ideais”, as quais são esboçadas e feitas pelas relações de gênero, sendo assim, nessas relações, o cuidado com os filhos, os afazeres domésticosse torna o lugar primordial e se a mulher desempenha de forma completa essas funções, ela pode se inserir em outros espaços, como mercado de trabalho ou faculdade, se configurando em múltiplos papéis, gerando a sobrecarga da mulher.

Antes mesmo de pensar a sobreposição de papéis na questão da mulher, é possível pensarmos em uma memória, trazida desde o passado sobre o papel da mulher, que como vemos em nossa revisão de literatura, a mulher tinha função baseada no “cuidar”, principalmente de papéis dentro da família, cuidar da casa, do esposo, dos filhos. Atualmente o papel de cuidar ainda faz referência a mulher, pensando então na memória trazida ainda do passado para os dias atuais.

A memória para a AD é muito mais que uma colagem, uma junção, mas a memória é tudo aquilo que pode deixar marcas, e que nos permite fazer surgir e reunir temporalidades passadas no presente (SHERER; TASCETTO, 2005). De acordo com Camargo (2019), a memória discursiva tenta construir uma “arqueologia” da Análise do Discurso, pois ela se constitui de memórias socialmente criadas, visto que a memória impõe desejos de materialidade; desse modo, a materialidade é implícita, pois ela espera uma compreensão, considerada comum, por ser óbvia para alguém. Segundo a autora a memória se reconstrói a partir de lacunas, que são preenchidas pelo imaginário, o qual é interiorizado pelo sujeito, através das vivências forjadas nessa experiência do comum. Dessa forma, esse sentido passa a ter uma veracidade, mas não possuem possibilidade de serem reformulados de forma completa, visto que o mesmo têm relações diretas com o esquecimento.

Nesta figura vemos a continuação do post da autora, em que relata diversas atividades que são destinadas a ela, atividades associadas à casa, ao esposo e ao filho,

em que a mesma declara sentir sua mente em “total atividade” devido a essas responsabilidades. Vemos ainda a continuidade da postagem, e além de colocar as atividades e responsabilidades que a mesma exercia em seu dia a dia, ela também coloca um questionamento:

“ Mas e as mulheres?
 Não fazem isso o tempo todo em casa? E as mulheres que são mães então?
 Somos vistas como sobre-humanas.
 Fazem isso com a gente porque é mais fácil dizer que somos extraordinárias e nos colocarem responsáveis pela casa e pelos filhos”.

Ao final de seu post, a autora ainda faz um apelo, de ajuda, solicitando que os homens auxiliem as mulheres em suas atividades, sejam elas de casa, de cuidado com os filhos, devido a essa grande demanda de responsabilidades das mulheres. Diante dessas colocações que a autora nos pontua, isso nos faz pensar o quanto a ideologia afeta o sujeito, pensando até mesmo em nossa sociedade patriarcal.

Podemos partir do ponto de que a ideologia é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Na sociedade encontramos diversas classes, ou seja, várias ideologias que estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Dessa forma, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. Segundo Althusser, a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade.

Neste momento, vemos outro post, desse mesmo blog, “mães fora da caixa” em que se intitula: “Mães reais cumprem com seu papel”. O título dessa postagem nos provocou diversos questionamentos, como: o que seriam mães reais? Qual é o papel de mãe? E as mães que não cumprem com essa função, não são reais? Ainda nesse post encontramos a seguinte colocação:

“Entender que não existe maternidade perfeita, não significa que temos o direito de nos vitimizar, por ser difícil e acabar não cumprindo com o nosso papel. ”

Esse recorte nos traz a inquietação sobre qual lugar essa mulher está falando,

qual sua posição? Que vitimização seria essa? Quando dizemos que a maternidade não é perfeita, é se vitimizar? Quando não sou uma mãe perfeita, não cumpro com meu papel? Existe nesse discurso algo da contradição, uma fala violenta com a mulher, a final qual garantia temos de que está sendo feito o que é mais correto na maternidade? Tendo em vista de que algo dessa relação é do bebê, não só da mãe.

Ao longo de muito tempo, a maternidade foi idealizada como perfeita, de acordo com Campos (2002) o modelo de maternidade ideal, perfeita, envolve a família tradicional enquanto distribuições de papéis sociais e até mesmo sexuais, os quais são definidos pela autoridade paterna, em que a mãe era responsável pelo cuidado dos filhos, gerando ainda diversos mitos em relação a gravidez. A autora ao mesmo tempo que coloca aos leitores que não existe maternidade perfeita, coloca que a mulher não pode fugir da maternidade, que ela é responsável pelo cuidado dos filhos, mesmo que seja uma função difícil, quando diz:

“Não significa que temos o direito de nos vitimizar, por ser difícil e acabar não cumprindo com nosso papel.”

Nesse recorte, qual seria o papel das mães reais? Quem seriam essas mães? Seria a mãe que assume o cuidado integral do seu filho e se esquece de outras posições em sua vida, de esposa, de sua identidade e se esquecendo de ser mulher? Vemos durante esse discurso a tentativa das mulheres tentarem romper com imaginário, mas algo desse discurso falha e essas mulheres sustentam esse imaginário, se filiando novamente ao mito do amor materno. Aqui vemos a continuação do post “Mães Reais cumprem com seu papel”. Na continuação do post, vemos relatos da autora em que ainda hoje existe uma relação de idealização com a maternidade, quando nos coloca que:

“A grande verdade é que a idealização do ser mãe é gigantesca!”

“A mãe que todos os dias está sempre feliz, amamenta seu filho linda e maravilhosa, maquiada, de cabelos penteados, com sutiã lindo e colorido. Ela fica linda com o bebê, controla com tranquilidade as birras do mais velho. E no fim do dia, quando o marido chega em casa, nem pensa em dormir, quer mesmo é uma noite de amor e sexo com o marido”.

Nesse momento, a autora nos coloca que existe ainda uma idealização do ser

mãe que é gigantesca, ou seja, é possível nesse momento pensar nessa historicidade e construção do ser mulher e ao mesmo tempo do ser mãe, repensando na trajetória do passado até a atualidade. Em interlocução, é possível pensarmos a noção de memória discursiva como dito anteriormente e também de ideologia. Podemos pensar que o lugar da mulher, principalmente o lugar da mulher enquanto mãe era uma posição autorizada para a mulher. Quanto ao segundo trecho, em que a autora questiona a mulher mãe em relação aos ideais, as características idealizadoras, foi possível nossa reflexão a respeito de muitos comerciais de TV, os quais mostram muitas vezes a mãe dessa maneira. Nos inquietando, o porque ainda a mãe aparece de forma idealizada? Qual impacto desse ideal nas mulheres? Outros trechos também nos chamaram atenção nesse post:

“Agora, EDUCAÇÃO E AMOR tem que vir de pai e mãe”

“Por isso essa onda de desromantização da maternidade, e da mãe com sua identidade preservada não pode ser uma desculpa para os filhos não serem prioridade na nossa vida”.

Nesse recorte vemos a busca de desromantizar a maternidade, mas se o filho é a prioridade, como desromantiza? Novamente encontramos uma contradição, o filho sendo centro da maternidade. No primeiro temos a questão do amor e da educação sendo postas, ligadas diretamente a relação de pai e de mãe em exclusividade. E já no segundo trecho, ao mesmo tempo que a autora menciona a questão da maternidade não romantizada e da identidade preservada de mulher, coloca o filho como prioridade, fazendo questionar o motivo do filho ter esse lugar, que chega a ultrapassar até a identidade da mulher. Essas colocações também nos fazem pensar acerca da ideologia e do modo como os sentidos são naturalizados para um sujeito, em sendo interpelado pela ideologia, ocupa aqui a posição de censura.

Pêcheux (1969), definiu 2 formas de esquecimento, sendo que o primeiro imaginariamente o sujeito acredita ser, segundo Romão (2017) a fonte do que diz, ou seja, esse esquecimento diz respeito ao atravessamento da ideologia com o dizer, marcando sua fala como apenas sua. Já o esquecimento número 2 é, segundo Romão (2017) a ilusão do sujeito de que há uma relação direta entre as suas palavras e o seu pensamento. De acordo com a autora, podemos pensar que essas ilusões são condições necessárias ao sujeito.

De acordo com Camargo (2019) O discurso se compõe pela linguagem e ela só pode ser significada por sua historicidade. Qualquer pensamento leva à formulação do discurso, e só ocorre quando o esquecimento é presente, sendo pertencente ao esquecimento no momento da enunciação. Dessa forma, o esquecimento faz parte da memória e propõe ao sujeito à falsa certeza de ser origem do discurso. Nesse momento iremos partir de um comentário feito a um post do blog: “Maternagem descalça”, os quais alguns pontos nos chamaram atenção:

“Tenho um filho de 1 ano e 8 meses, minha gravidez foi difícil, pela falta do pai dele que não me ajudava...”

“A maternidade para mim é muito difícil, muito mesmo!”

“Ninguém me entende quando eu falo das coisas que sinto falta (sair sozinha, me cuidar e etc) me olham como se eu fosse um E.T, amo meu filho, me preocupo com o futuro, tento ser boa mãe”.

Nesse primeiro comentário, vemos a questão da falta do pai, mas sabemos que é uma queixa de muitas mulheres, em que a responsabilidade de criação e cuidado foi deixada apenas a mães. No segundo comentário, é possível ver o relato de uma mulher que tem suas dificuldades em relação a maternidade, dizendo que para ela a maternidade é muito difícil, em diversos quesitos. No terceiro comentário, a mulher relata sentir falta de demais coisas em sua vida, fora as responsabilidades da maternidade e o quanto muitas vezes a sociedade julga essas demais vontades da singularidade da mulher, ao final se justifica dizendo que por mais que sente essas vontades, ama seu filho e tenta ao menos ser boa mãe. Com o passar dos anos, de acordo com Rodrigues et.al (2017) foi possível observar que as questões de gênero são historicamente determinadas pelo conceito de feminino e masculino, por uma questão relacionada a biológica, fazendo com que tais questões possam ser identificadas nas mais variadas atividades: trabalho, educação, nas relações familiares, saúde, política. Durante a história, de acordo com os autores, é possível observar que a dinâmica familiar sofreu poucas alterações, as maiores transformações ocorreram mais recentemente, na idade moderna, através da Revolução Industrial, com a alteração do status da mulher na sociedade.

Dessa forma, é possível pensarmos mais uma vez na memória trazida a esse imaginário social, marcado pelos papéis sociais e o da ideologia, afetando os

discursos. Na figura 13, temos mais um comentário de uma leitora, que discursiviza o efeito de importância de colocar a maternidade não apenas em um destaque de perfeição e ideal, mas expor também as dificuldades encontradas pelas mulheres mães, expondo seu desejo de relatar até mesmo sua experiência quanto ao parto. Como vimos, as relações entre o sujeito e a ideologia é uma relação muito importante dentro da AD. Para compreendermos o discurso, temos de levar em conta a historicidade na injunção com a língua. O sujeito produz seu discurso dentro de uma formação discursiva que está relacionada a uma formação ideológica. Dessa forma, o discurso tem uma relação com a memória, sendo alvo de manipulações sociais.

Temos mais um comentário do post “Maternidade Real”, comentário de uma mãe que relata ter ideia de que “daria conta” do papel materno quando ainda esperava o bebê, porém quando o filho nasceu teve experiências diferentes das quais idealizava, relatando muitas vezes não ter tempo para si. A baixo mais alguns recortes do blog “Maternidade Real”.

“Todo mundo só conta a parte boa!”

“A gente nunca mais consegue dormir a noite inteira e nunca mais tem tempo de fazer as unhas...”

“Eu mesma cuido do meu leitãozinho”

“E mesmo com toda a correria e falta de tempo pra cuidar da gente...”

Nada mais gostoso que ser responsável e cuidar desse serzinho tão frágil e tão forte ao mesmo tempo”

“Cada sorriso, cada olhar que recebemos nos faz sentir a pessoa mais importante do mundo.”

A partir desse momento, veremos alguns recortes do blog “Maternagem descalça”, o qual fizemos alguns recortes para análise de nosso corpus de pesquisa. Temos um post do blog relatando a dificuldade muitas vezes de falar desse lugar, da dificuldade com a maternagem qual muitas mulheres enfrentam em seu dia a dia. Nos provocando certa inquietação quanto a essa dificuldade de falar sobre esse processo de uma maneira não romantizada:

“No exercício da maternagem há sempre tempos difíceis...onde quem não sabe, ao certo como falar sobre, cede lugar de fala”

Partindo dessa questão de lugar de fala e de um discurso autorizado, principalmente o crédito ao discurso feminino, nos faz pensar em outras questões. Eni Orlandi (1990) ressalta que “os discursos estabelecem uma história”. Dessa forma, de acordo com Selem (2006) a “institucionalização de determinadas formas de discursos faz com que alguns sujeitos históricos tenham seus estatutos negados”. Dessa maneira, é possível refletirmos a respeito desse “apagamento dos sentidos pela sobreposição de um discurso a outro” que a autora trás, através da interpretação da linguagem.

Na figura 18, vemos mais um dos posts feito pela autora do blog “Maternagem Descalça”, em que mais uma vez, a questão da não existência da maternidade perfeita aparece, nos fazendo questionar a respeito dessa repetição do aparecimento desse conceito da “maternidade perfeita”. É interessante que a autora fala sobre a autorização e um lugar de fala da mulher, quando menciona:

“Nós que hoje temos um lugar de fala, ao menos na internet”

Isso nos faz questionar até mesmo a diferença desse lugar de fala na internet, a diferença da internet e de outros lugares que podem aparecer esses discursos, dessas mães que não acreditam nessa maternidade romantizada, mas que acreditam na desmistificação desse conceito. Na frase a baixo, existe um recorte de um post que consideramos importante ressaltar, visto que também aparece a questão da identidade preservada da mulher, mesmo antes da maternidade, visto que o ser mulher aparece, mesmo que por de baixo desta capa de mãe.

“Nesta fase que me encontro e é aonde eu começo a me rever como mulher”

O que está em jogo aqui é o efeito de naturalização do sentido de que as mulheres sentem uma certa sensação de perda ao acompanhar o crescimento e cuidado dos filhos. A prioridade para a mulher deveria ser a família, os filhos,

atividades do lar e posteriormente, apenas, sua realização. Acompanhar o processo dos filhos torna-se fundamental a mulher, vendo a importância em um imaginário social, o aspecto afetivo e de cuidado com os filhos na vida das mulheres, como se seu filho fosse uma parte sua, devendo então ser obrigatoriamente amado e desejado, tendo esse olhar afetivo por parte da mãe, tendo um olhar sensível. O questionamento em relação a sua trajetória alinhada à maternidade materializa diversas dúvidas em relação a seu próprio caminho.

“...Dias que bate aquela crise existencial de quem eu sou? Para onde vou agora? O que eu to fazendo mesmo aqui? ”

Ao ler esse trecho do comentário, nos fez pensar que ao ser mãe, a identidade feminina passa a ser substituída apenas pela relação materna, gerando então esses questionamentos pela seguidora do blog, questionando sua identidade feminina. Moreira e Lopes (2006) nos coloca que a experiência da maternidade foi em um primeiro momento assunto exclusivo para o ser feminino, se transformou na identidade das mulheres, hoje em dia vemos que a maternidade, o parir e cuidar pode dar à mulher uma nova dimensão de vida e ao mesmo tempo pode proporcionar desorganizações internas, de vínculos e de papéis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



“Quero pedir desculpa a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas. Fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você, fosse seu maior orgulho, quando seu espírito já despedaçou montanhas. De agora em diante vou dizer coisas como, “você é forte” ou, “você é incrível!”, não porque eu não te ache bonita, mas porque você é muito mais do que isso”
Rupi Kaur

Em relação as considerações realizadas no decorrer deste trabalho, observamos o ciberespaço e os *blogs* como lugar de posicionamento e compartilhamento de dizeres, os quais foram escolhidos como centro de nossas análises e investigações discursivas. Vale dizer que observar a circulação de discursos e sentidos nesse espaço, nos dá condição de observar novas inscrições dos sujeitos e posicionamento destes diante de seus dizeres e opiniões.

Nesse trabalho, analisamos os processos discursivos que envolvem o ciberespaço, neste caso, os *blogs* relacionados a maternidade e os sentidos estabelecidos com o o posicionamento e dizeres dessas mulheres sobre a maternidade e a maternagem.

Diante de nosso *corpus*, compreendemos tamanha a exigência de um modelo de maternidade exercida de forma exclusiva, intensiva e ideal sob responsabilidade da mulher que a sociedade ainda enxerga.

Consideramos que a maternidade foi uma concepção construída historicamente, juntamente com um imaginário de mulher, a qual foi se naturalizando no sentido de que era natural da mulher ser mãe, em que a mulher já fora criada para tal finalidade, por ter esse espaço dentro de si, para gerar e dar a luz a uma criança. Destacamos que essas formas de pensar a maternidade ocorrem nos mais variados espaços de nosso cotidiano, bem como no ciberespaço.

Diante disso, vemos uma sociedade ainda afetada por antigos padrões e imaginários, ainda que na contemporaneidade as mulheres tentam romper com esse modo de pensar, vemos que as mesmas não interpeladas, assim como a sociedade, por uma ideologia, a qual ainda mantém e sustenta esse imaginário.

O trabalho de questionamento da naturalização de determinados sentidos propicia que a AD seja uma metodologia relevante para pensar os processos discursivos que envolvem a circulação de dizeres de mulheres em *blogs*, referente a maternidade.

Ressaltamos que nosso interesse não foi o de realizar o esgotamento de abordagens ou análises sobre os *blogs* ou até mesmo a questão da maternidade, mas nosso objetivo é de oferecer uma contribuição com nossos gestos de estudo e leitura dessas questões.

O sujeito é afetado pela naturalização de determinados sentidos, além de ser interpelado por uma ideologia, dessa forma, o sujeito enuncia seu imaginário, e se posiciona, colocando seu discurso nos mais variados espaços discursivos, inclusive nos *blogs*.

Entendemos que os *blogs*, marcam a construção de espaços discursivos do

ciberespaço que afetam os sentidos que circulam nesses locais. Nos *blogs*, observamos a circulação de dizeres diversos sobre a maternidade, bem como, podemos observar em diversos momentos, mulheres expondo seus dizeres e opiniões a respeito da maternagem e maternidade.

Em nosso processo analítico, compreendemos que em diversos momentos, as mulheres tentam romper com um imaginário sobre a mulher e a maternidade, mas ao mesmo tempo sustentam um discurso afetado por uma ideologia e uma cultura, trazida por uma historicidade.

Nesta pesquisa, problematizamos a forma como a maternidade é discursivizada por mães e mulheres, observando e analisando as diferentes maneiras que o sujeito mulher significa a maternidade e vivenciam no cotidiano, compreendendo que os diferentes dizeres e sentidos produzidos pelas mulheres mães.

Ainda na análise, foi articulado com a AD enquanto metodologia, sendo feito uma articulação com a posição sujeito, memória discursiva, historicidade, discurso e as marcas produzidas pelos processos ideológicos, bem como, inscrição dos dizeres no ciberespaço, enquanto um espaço discursivo.

Assim, mesmo com todas as dificuldades e desafios envolvidos no desenvolvimento deste trabalho, o sentido e efeito da maternidade motivou nossa pesquisa, vale dizer que os discursos reproduzidos nos *blogs*, os sentidos que fizeram circular e questionar, analisar e observar foi fundamental no desenvolvimento dessa dissertação.

REFERÊNCIAS



“O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida. Unicamente, o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo. Vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.”

Simone de Beauvoir

ALVARENGA, M. A. F. P. **Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica**. 3 ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2003.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: Acesso em: 11 de fev. de 2021.

BASTOS, Gustavo Grandini. Um estudo discursivo dos blogs: sentidos de/sobre homofobia. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Gallimard, Paris, 1949, vol II.

BRASIL, Luciana Leão. Michel pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: estudos e pesquisas**, v. 15, n. 1, 2011.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Investigações sobre o Amor Materno: sobre significados, experiências, afetos e práticas corporais na maternidade. Algumas notas para pesquisa. **Expediente**, p. 210, 2002.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 365-371, set. 1998. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311998000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 fev. 2021.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 6, p. 147-177, 1996.

DE BRITO, Luiz André Neves. (Re) Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva?. **Eutomia**, v. 1, n. 09, 2012.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 44, n. 3, p. 972-980, 2015.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 44, n. 3, p. 972-980, 2015.

DINIZ, C.S. Maternidade voluntária, prazerosa e socialmente amparada: breve história de uma luta. 2000. Disponível em: . Acesso em: 9 dez. 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora da Universidade

de Brasília, 2001.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista**. Editorial Labor do Brasil, 1976.

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi et al. A violência intrafamiliar contra a criança e o mito do amor materno: contribuições da enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 3, p. 563-572, 2013.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Effets de l'archive. In: GUILHAUMOU, Jacques et al. Discours et archive: experimentations en analyse du discours. Liège: Mardaga, 1994. p. 91-111.

GREGOLIN, M. R. Linguagem e história: relações entre a linguística e a análise do discurso. In: BOSCO, J. B. C. (org.) Sujeito e subjetividade: discursividade contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009, p.43-72.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, p. 1-11, 2007.

HARRISON, K. **Discursive skin**: Entanglements of gender, discourse and technology. 2010. 116 f. Tese (Doutorado) – Linköping University, Linköping, 2010.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, R. R. (Org.). Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. v. 1, p. 81-104.

LINS, Patrícia Gomes Accioly et al. O sentido da maternidade e da infertilidade: um discurso singular. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 387-392, Sept. 2014.

MATTAR, Laura Davis; DINIZ, Carmen Simone Grilo. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 107-120, Mar. 2021

MOREIRA, V. L.; BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 161–170, 2012.

MOREIRA, Maria Ignez Costa. Aspectos psicossociais da gravidez e suas influências na construção de identidade e nas relações de gênero. Belo Horizonte, 1994. 224p. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

MOREIRA, Renata Leite; RASERA, Emerson F. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. *Revista Psicologia & Sociedade* [online] 2010, Setdez. Disponível em: Acesso em: 12 de fev. de 2022.

MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Uberlândia, 2009. Disponível em: Acesso em: 12 de fev. 2022

MOREIRA, Rita de Cássia Rocha; LOPES, Regina Lúcia Mendonça. Sexualidade e

gravidez: aspectos da vida da mulher-revisão da literatura. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 1, p. 177-181, 2006.

MOREIRA, V. L. A (des)organização coletiva em rede no Delicious: arquivos e sentidos em movimento. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 56-58, jan./mar. 2012.

MOREIRA, V. L.; BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 161-170, maio/ago. 2012. Disponível em:

MOREIRA V. L.; ROMÃO, L. M. S. Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. **Linguagem – revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem**, São Carlos, n. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em:

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAUJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, Mar. 2004.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. **Estudos**, Uberaba, v. 10, p. 09-26, 1984.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Discurso e leitura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Silêncio e implícito (produzindo a monotonia). In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade - contextos epistemológicos da Análise de Discurso**. Campinas, n. 4, maio 1999. Disponível em:

<<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

_____. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001a.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas: Pontes, 2001b.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Lingua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em:

<<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, B. (Org.). **A escrita e os**

escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006a. p. 21-30.

_____. **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2006b.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, 1990. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3011/2492>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. In: PÊCHEUX, M. (Org.). **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2011. p. 93-105.

PINTO, Céli Regina J. Uma história do feminismo no Brasil. 2003.

POSTER, Mark. Modelos de Estrutura da Família. In: **Teoria Crítica da Família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Cap 7, p.185-224.

RAMOS, Gilmária Salviano. Desnaturalizando o mito do amor materno: imagens e discursos sobre práticas infanticidas (Paraíba, 1960/1970).

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: Uma construção histórica e social. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, p. 175-191, 2017.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade.** Rio de Janeiro: PUC, p. 122-137, 2005.

RODRIGUES, Bruna Caroline et al. Ser mãe e enfermeira: questões sobre gênero e a sobreposição de papéis sociais. **Rev Rene**, v. 18, n. 1, p. 91-98, 2017.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001.

SCHERER, Amanda E.; TASCETTO, Tania Regina. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos linguístico-discursivos. **Estudos da Língua (gem)**, v. 1, p. 119-13, 2005.

SELEM, Maria Célia Orlatto. Quem é essa mulher? lugares e sujeitos do feminismo. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 7, 2006.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n. 29, p. 155-166, June 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-

25532015000100155&lng=en&nrm=iso>. access
on 29 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-25542015120031>.

VÁZQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, p. 207-238, 2005.

PAIVA, Wanderléia Da Consolação. Mulheres velhas/envelhecidas em discurso: da invisibilidade no espaço do campo rumo à Marcha das Margaridas na cidade.